



Recortes de Imprensa

Fevereiro 2011

apoio





APAV recebeu 21 queixas de violência por dia em 2010

José Bento Amaro

● No ano passado, 21 pessoas procuraram todos os dias os serviços da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Ao todo, reportaram-se mais de 19 mil factos criminosos, e a maior parte destes (80 por cento) tiveram a ver com delitos de violência doméstica.

Os dados estatísticos agora divulgados dizem que foram referenciadas 15.236 ocorrências catalogadas como violência doméstica e que, dentro deste item criminal, houve um acréscimo, em relação a 2009, de 194 por cento relativamente a delitos de natureza sexual e um aumento de 23 por cento relativamente aos homicídios (foram assassinadas 43 mulheres).

Depois dos crimes de violência doméstica, surgem em segundo lugar na lista os que foram praticados contra as pessoas e contra a humanidade. Este tipo de criminalidade teve uma expressão de 17 por cento, correspondente a 3217 casos. A terceira área de intervenção da APAV foi a dos crimes contra o património, com 409 casos, os quais correspondem a 2,1 por cento do total. Seguem-se os crimes contra a vida em sociedade e o Estado, que registaram 49 ocorrências, e 20 crimes rodoviários.

A APAV estima em 7711 as vítimas directas dos crimes denunciados durante o ano passado. No entanto, este número sobe para cima dos 25 mil, quando se soma o apoio prestado a familiares e amigos dos que foram directamente afectados pelos delitos. Ao todo instauraram-se 12.660 processos de apoio, o que, face a 2009, reflecte um aumento de 25 pontos percentuais. O distrito com maior incidência de vítimas foi Lisboa, com 1527 casos.

Fazendo uma relação entre a vítima e o autor do crime, constata-se que 2725 ocorrências tiveram os cônjuges como intervenientes, enquanto 1015 outros casos envolveram pessoas que, vivendo juntas, não eram casadas. Em 81 por cento das situações sinalizadas, os autores dos crimes são homens, na sua maioria com idades entre os 36 e os 55 anos de idade.



APAV detectou mais de 15 mil casos de violência doméstica

Processos aumentaram 25% em 2010. Crimes sexuais registam acréscimo de quase 200%

— ALFREDO MAIA
— amaia@jn.pt

A Associação de Apoio à Vítima (APAV) apoiou no ano passado 7711 vítimas de crimes, em 12660 processos (mais 25% do que em 2009), 80% dos de violência doméstica, que se agrava. Em mais de 5300, a vitimação é continuada; em dois mil dura há mais de dois anos.

Segundo o relatório "Estatísticas 2010", a APAV registou, nas suas 20 unidades espalhadas pelo país, 15830 atendimentos correspondentes a um universo de 25320 pessoas, das quais 7711 vítimas directas, tendo anotado 19032 factos criminosos.

Os crimes mais relevantes continuaram a ser relacionados com violência doméstica (15236, ou seja, 80%) e os crimes contra pessoas e a humanidade (3217, isto é, 17%), ambas as categorias com aumentos consideráveis em relação a 2009. Dentro da primeira, os crimes de natureza sexual aumentaram 194% e os homicídios 23%. Na segunda, o tráfico de pessoas para exploração sexual aumentou 61%, os casos de violação cresceram 53% e os homicídios subiram 33%.

Os principais crimes de violência doméstica em sentido estrito foram os maus tratos físicos, que atingiram 4389 factos, e psicológicos (5293), relata a APAV, que distingue estes actos e a ameaça e coacção, injúrias e crimes de natureza sexual dos crimes de violência doméstica em sentido lato, como o homicídio, violação de correspondência, violação de domicílio, entre outras práticas.

Analisando os dados sobre as vítimas que recorrem à APAV, é possível chegar a um retrato mais ou menos padrão: é mulher (87%), tem entre 26 e 55 anos, um nível de escolaridade elevado e é submetida a uma vitimação prolongada.

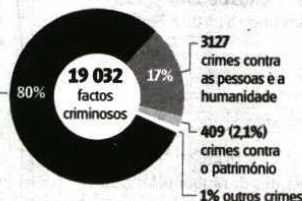
Do conjunto de 7711 vítimas, 6694 são mulheres e 55% das 4935 vítimas cuja idade se conhece têm entre 26 e 55 anos. E das 2021 cujo nível de ensino se conhece, 25,5% têm habilitações correspondentes ao ensino superior. Pode dizer-se também que daquelas cujo principal meio de sustento se tem

Vítimas Processos de apoio

12 660
PROCESSOS DE APOIO
realizados pela APAV,
em 2010, mais 25%
face a 2009

15 830 atendimentos
25 320 pessoas apoiadas
das quais 7711 vítimas directas de crime

15 236
crimes de
violência
doméstica



PERFIL DA VÍTIMA

Sexo: feminino (87%)
Idade: entre os 26 e os 56 anos (55%)
Estado civil: casada (46%)
Nacionalidade: portuguesa (68%)
Escaridade: ensino superior (25,5%)
Emprego: trabalho por conta de outrem (42,4%)

PERFIL DO AUTOR DA AGRESSÃO

Sexo: masculino (81%)
Idade: entre os 36 e os 55 anos (51%)
Estado civil: casado (55,8%)
Escaridade: ensino superior (31,7%)
Emprego: trabalho por conta de outrem (49,9%)

DS: Percentagens calculadas no conjunto dos indivíduos cuja idade, estado civil, nível de escolaridade e emprego são conhecidos

Fonte: APAV

Outros dados

PRINCIPAIS CIDADES

Dos 12660 processos de apoio da APAV, mais de 49% (6250) foram ratados na unidade de Lisboa.

Segue-se o Porto, com 1591 (12,5%) e Coimbra (590, ou seja, 4,6%).

CONTACTOS

A maioria dos utentes (63%) utiliza o telefone para contactar a APAV (30% de forma presencial), sendo também maioritária a percentagem (64,3%) dos que o faz directamente.

APOIOS ESPECIALIZADOS

Em 2010, a APAV prestou apoio especializado em 10911 casos, sendo 47% de tipo jurídico, 17,7% de esclarecimentos e encaminhamento, enquanto o social e o psicológico foram de 14% cada.

ACOLHIMENTO E OUTRAS VIAS

Em 21,2% das situações, foi necessário acolhimento; 34% foram encaminhadas para o Gabinete de Apoio à Vítima, 13,1% para a Segurança Social e 11,7% para a PSP.

17%

CONTRA PESSOAS E A HUMANIDADE

No conjunto de 19032 actos criminosos registados pela APAV, 3217 (17%) eram crimes contra pessoas ou a humanidade, destacando-se: 1195 contra a vida ou a integridade física (homicídio, agressões, etc.); 1063 contra a liberdade pessoal (ameaça, coacção, sequestro...); 297 crimes sexuais (violação, assédio, abuso de crianças, importunação, entre outros).

informação, mais de 68% possuem rendimento autónomo, uma vez que trabalham (42,4% por conta de outrem), têm empresas ou rendimentos de bens, excluindo portanto subsídios ou dependência de familiares.

Outro dado significativo: a maioria (59,5% das vítimas cujo estado civil se conhece) é casada ou vive em união de facto. O que é coerente com os dados sobre a relação da vítima com o autor: 48,5% dos factos registados ocorreram entre cônjuge/companheiro (em 8,3% dos registos a relação não está determinada). Outro ainda: 19,2% têm uma relação de parentesco.

Isso ajuda a explicar por que razão mais de 55% dos crimes de violência doméstica se registam na residência comum (e 13% na residência da vítima) e ainda o histórico dramático da vitimação. Segundo os dados da APAV, mais

Há vítimas submetidas a crimes continuados durante muitos anos no meio familiar

de 63% das vítimas (5349) são-no continuamente. Em metade dos registos, não se sabe ou não houve resposta, mas nos 2669 conhecidos a vitimação com duração superior a dois anos atinge 72,4%; em 40,4%, dura há mais de sete anos; e em quase um terço arrasta-se há mais de 13 anos.

E quem é o autor dos crimes? Em 7711 das vítimas, sabe-se que 81% são homens (11% não sabe ou não respondeu) e 51% dos 2772 casos em que se conhece a idade estão na faixa etária entre os 36 e os 55 anos. São maioritariamente casados ou vivem em união de facto (72,34%); 31,7% daqueles cujas habilitações são conhecidas classificam-se no ensino superior e mais de 80% têm trabalho (49,9% por conta de outrem), rendimentos ou reformas. Em quase 16% dos 1960 casos cujos antecedentes criminais se conhecem há condenações anteriores. ■



RELATÓRIO DA APAV DE 2010

25 MIL VÍTIMAS DE CRIMES PEDIRAM AJUDA

● MAGALI PINTO

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apoiou no ano passado cerca de 25 mil vítimas de crimes. As estatísticas divulgadas ontem apontam para um aumento de 25 por cento de pessoas que pedem ajuda, comparativamente a 2009. Dos mais de dezanove mil crimes registados (há crimes com mais de uma vítima), a violência doméstica continua a liderar, repre-

Violência doméstica é o crime que tem mais vítimas

sentando 80 por cento dos casos. João Lázaro, secretário-geral da APAV, disse ao **CM** que os números são preocupantes mas “significam que há uma maior consciência de que as pessoas são vítimas e que precisam de ajuda. Grande parte delas pede-nos agora ajuda directa”, afirmou o responsável. As vítimas continuam a ser na sua maioria mulheres entre os 26 e os 45 anos. Entre os agressores, prevalece a faixa etária entre os 36 e 45 anos. Tal como no relatório de 2009, Lisboa, Porto e Faro continuam a ser os distritos onde residem mais vítimas. Março, Julho e Dezembro foram os meses em que se registaram mais crimes. ■

sentando 80 por cento dos casos. João Lázaro, secretário-geral da APAV, disse ao **CM** que os números são preocupantes mas “significam que há uma maior consciência de que as pessoas são vítimas e que precisam de ajuda. Grande parte delas pede-nos agora



SOCIEDADE Associação ajudou 25 mil pessoas

Pedidos de ajuda à APAV registam aumento de 25%

Os **maus-tratos psicológicos** são o principal motivo de queixa das vítimas, que têm 36 a 45 anos.

JOÃO MONIZ

jmoniz@destak.pt

Consequência directa dos tempos de crise ou não, a verdade é que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou um aumento de 25% nos pedidos de ajuda em 2010. Nos 12 660 processos de apoio contabilizados, foram feitos um total de 15 830 atendimentos a 7711

vítimas directas, mas o número de pessoas apoiadas terá totalizado as 25 mil, até porque metade das vítimas disseram ter filhos.

Segundo os dados ontem revelados pela APAV, a maioria das pessoas que pediram ajuda (69%) são alvo de violência continuada, sobretudo ao longo de dois a seis anos (16%) ou de sete a 12 anos (13%). Os maus-tratos psicológicos são predominantes (36,8%), mas a violência física continua a ser recorrente (30,5%). Muitos destes ataques acontecem numa residência comum (55%) e tendem a ser mais insuportáveis em Dezembro, mês em que há mais queixas: 19,9%.



GETTY

Sete em cada dez vítimas são alvo de violência continuada

Muitas das pessoas agredidas, com incidência na faixa etária dos 36 aos 45 anos (15%) ou dos 26 aos 35 (11%), estão casadas (39%) ou vivem em união de facto (12%) com o agressor, sobretudo nos

distritos de Lisboa (20%) ou do Porto (8%), encontrando-se desempregadas (16%) ou reformadas (12%) quando decidem pedir apoio jurídico (47%) e psicológico (14%), normalmente por telefone: 63%.



Mais vítimas procuraram apoio institucional em 2010

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apoiou no ano passado cerca de 25 mil pessoas, registando um aumento de 2.528 processos (mais 25 por cento) face a 2009, revelam as estatísticas ontem divulgadas.

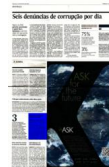
O número de pessoas apoiadas inclui as vítimas directas de crime, bem como familiares e amigos próximos.

O apoio é prestado através dos 15 gabinetes da instituição, das duas casas de abrigo destinadas a mulheres e crianças, pela Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial e ainda por telefone.

O número anual de processos de apoio começou por 37 em 1990 para atingir os 12.660 no ano de 2010, segundo as estatísticas elaboradas pela instituição.

Dos processos registados em 2010, 7.711 dizem respeito a “situações de existência de uma qualquer problemática de crime”, lê-se no relatório da associação.

A mesma fonte precisa que os processos de apoio se traduziram em 15.830 atendimentos e em cerca de 25.320 pessoas apoiadas.



Mais 25% de queixas à APAV em 2010

VÍTIMAS A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou, em 2010 — ano em que celebrou 20 anos — 12.660 processos que envolvem mais de 25 mil pessoas e 7711 vítimas diretas de crimes. Os números, revelados esta semana, apontam para um crescimento de 25% dos casos face a 2009. A maioria das situações diz respeito a violência doméstica (80%) — 14.378 casos de maus-tratos e 29 tentativas de homicídio — e as vítimas são quase sempre mulheres.

VOLUNTARIADO**Seminário debate trabalho voluntário no apoio às vítimas de crime**

22 | 02 | 2011 09.07H

"O Voluntariado na Sociedade Portuguesa e no Apoio à Vítima" é o tema de um seminário-debate organizado pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) que se insere no Ano Europeu do Voluntariado e no Dia Internacional de Apoio à Vítima, que hoje se assinala.

"A ideia da APAV quando organizou o seminário foi enquadrar a temática da vítima de crime e todo o apoio que ela precisa na temática do Ano Europeu do Voluntariado", disse à agência Lusa a presidente da APAV.

Para Joana Vidal, esta ideia é ainda "mais importante" por a APAV ser uma organização não governamental constituída em grande parte por voluntários, "onde o voluntariado é uma peça importante na concretização do seu trabalho".

Segundo a responsável, esta associação tem 327 voluntários de várias idades, em todo o país, 47 por cento dos quais a trabalhar como técnicos de apoio à vítima.

"Fazem o atendimento da vítimas de crime, quando se dirigem aos gabinetes, o registo de todo esse atendimento, para efeitos de estatística, o acompanhamento às instituições. Temos voluntários que dão apoio conforme a sua formação profissional, por exemplo, psicológico ou jurídico", acrescentou.

Na opinião de Joana Vidal, neste Ano do Voluntariado é "muito importante a consciencialização de que o voluntariado não é um mera ação isolada ou um mero hobby para preencher tempos perdidos, é uma responsabilização cívica e de cidadania, que deve ser encarada como tal".

Na APAV é assinada uma carta de compromisso entre a própria associação e o voluntário, para que este não tenha a ideia de que é aparecer quando dá jeito ou tem vontade, é um compromisso de doar tempo com regras e cumprimento de horários, explicou.

A violência doméstica é o principal tipo de crime reportado à APAV. Em 2010 aumentou 25 por cento o número de pessoas que pediram apoio, face ao ano anterior.

Do total de pedidos de apoio, 80 por cento partiu de vítimas de violência doméstica, destacou Joana Vidal, salientando, contudo, que no ano anterior este tipo de crime perfeitamente um total de 90 por cento dos pedidos.

Isto significa, segundo a responsável, que está a aumentar outro tipo de criminalidade, destacando-se, segundo os registos da APAV, os crimes contra pessoas - maus tratos e ofensa à integridade física.



Mais de duas centenas de vítimas sinalizadas

Em 2010, foram identificadas e atendidas 259 vítimas de violência doméstica em todo o distrito de Viseu, pelo Núcleo de Atendimento às Vítimas de Violência Doméstica. 57 por cento vivem com o agressor, 49 por cento "referem ter sido vítimas de violência física e psicológica" e 41 por cento relatam "sofrer diariamente de actos de violência".

Em média, são 40 as pessoas que morrem por ano vítimas de violência doméstica.

Vigilância electrónica

Em 2010, a secretaria de Estado para a Igualdade anunciava que Viseu era um dos cinco distritos do país onde existe mais ocultação de casos de violência doméstica. Para Elza Pais, o caminho é "desocultar o fenómeno", ainda muito escondido em distritos do interior.

Para a governante, o combate tem de se fazer em rede, frisando que a violência doméstica "não conhece fronteiras de classe, de idade, regionais e de género". Dos casos identificados, deu como exemplo que em 15% são os homens as vítimas de violência.

A secretária de Estado destacou ainda as medidas que estão a ser tomadas no âmbito do Plano Nacional Contra a Violência, sustentando que Portugal é um dos países da União Europeia que mais "inova" no combate. "Temos uma moldura penal bastante inovadora e arrancámos com a tele-assistência e com a vigilância electrónica. Neste momento, são já 29 os agressores que estão sob vigilância", disse.

Violência no namoro

Estudos feitos pela Universidade do Minho indicam que as novas gerações continuam a agredir-se. A taxa de vitimação no namoro é mesmo equivalente à da violência no casamento: 25 por cento. Prevalence a violência emocional sobre a pequena violência física.

Vítimas de violência doméstica

APAV ajudou 56 pessoas do distrito de Viseu em 2010

O apoio às vítimas de violência doméstica está a aumentar, segundo os dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

"Ele bate-me. Não aguento mais". Este é o desabafo de muitas das vítimas de violência doméstica que quando chegam ao desespero acabam por confessar o tormento que passam, muitas vezes durante anos. Manuela (nome fictício) casou-se há quatro anos. Tem uma filha de dois e, desde o nascimento da menina, que o seu casamento passou de uma situação sólida para um "pesadelo".

Começou com discussões, cada vez mais frequentes, até ao dia em que foi agredida fisicamente. "Na altura, pensei que fosse uma situação pontual. Um desespero do meu ex-marido", contou. Mas a realidade veio a tomar-se outra. Os desentendimentos aumentaram e as agressões também. "Tentei resolver o assunto internamente. Dentro de portas. Não contei a ninguém porque pensava que seria uma coisa passageira e que tudo voltaria ao normal". Mas dois anos depois, os actos de violência não acabavam. "Ganhei coragem, desabafei com um familiar e fiz queixa na GNR. A situação estava descontrolada e não havia forma de voltar atrás", concluiu na altura Manuela.

Depois de confessar, começou uma nova etapa na vida desta mulher. Saiu de casa com a filha e tentou procurar apoio junto da família. No entanto, a pressão social e até a vergonha levaram-na a pedir ajuda junto de associações que, anonimamente, lidam diariamente com estes casos. "Liguei para uma linha de apoio e fui reencaminhada para uma instituição que me ajudou a voltar a erguer". Hoje, está longe de quem lhe tornou a "vida num inferno" e dedica algum do seu tempo ao voluntariado para ajudar pessoas que "vivem o mesmo drama".

A história de Manuela é idêntica a muitas outras que diariamente chegam às instituições que lidam com casos de



As vítimas continuam a ser na grande maioria mulheres, entre os 26 e os 45 anos

violência doméstica. Histórias em muito iguais, mas com novos protagonistas. "Cada caso é um caso e é assim que o tratamos", contou uma voluntária que dedica algum do seu tempo ao fazer atendimento numa linha de apoio.

De acordo com a APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, é possível afirmar que as relações familiares entre autor/a do crime e vítima são as situações mais comuns, segundo os quais "só entre cônjuge/companheiro assinalaram-se 48,5 por cento" dos casos registados durante o ano de 2010. "A vitimação continuada é uma característica em 69 por cento dos casos" e prolonga-se por mais de dois anos em 36,1 por cento das situações, realça a APAV num estudo agora divulgado.

Estatísticas

O mesmo estudo indica que no ano passado foram 56 pessoas do distrito de Viseu, vítimas de violência doméstica, apoiadas por esta instituição. Em 2009, o número tinha ascendido a 106 pedidos de apoio.

No total, a APAV apoiou cerca de 25 mil pessoas, registando um aumento de 2.528 processos (mais 25 por cento) face a 2009.

Os distritos de residência das vítimas mais citados no estudo são Lisboa, Porto e Faro.

O número de pessoas apoiadas inclui as vítimas directas de

crime, bem como familiares e amigos próximos.

O apoio é prestado através dos 15 gabinetes da instituição, das duas casas de abrigo destinadas a mulheres e crianças, pela Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial e ainda por telefone.

O número anual de processos de apoio começou por 37 em 1990 para atingir os 12.660 no ano de 2010, segundo as estatísticas elaboradas pela instituição.

Dos processos registados em 2010, 7.711 dizem respeito a "situações de existência de uma qualquer problemática de crime", lê-se no relatório da associação.

A mesma fonte precisa que os processos de apoio se traduziram em 15.830 atendimentos e em cerca de 25.320 pessoas apoiadas. Os números divulgados apontam para 19.032 crimes em 2010, com 7.711 vítimas directas. Os meses de Março, Julho, e Dezembro foram os que registaram maior afluência aos serviços disponibilizados pela APAV.

Na maioria dos casos (63 por cento), os utentes estabelecem contacto via telefone, representando 30 por cento o contacto presencial. São as próprias vítimas a procurar apoio na maioria dos casos, seguindo-se os familiares e os amigos.

As vítimas continuam a ser na grande maioria mulheres, mais de um quarto das quais na

faixa etária dos 26 aos 45.

Entre os agressores prevalece

a faixa etária dos 36-45, seguindo-se a dos 46-55 anos.



30 vítimas de crime chegaram à APAV em 2010

ZÉLIA CASTRO

zcastro@dnnoticias.pt

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) prestou ajuda, no ano de 2010, a 30 vítimas de crime da Região, de acordo com os dados estatísticos disponibilizados pela associação.

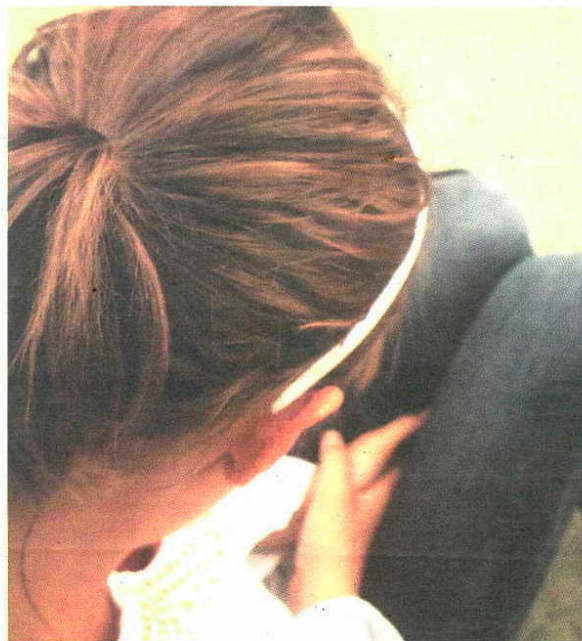
Em termos criminais, a APAV regista os crimes distribuindo-os por seis categorias: os crimes de violência doméstica, os crimes contra as pessoas e a humanidade, contra o património, contra a vida em sociedade e o Estado, os crimes rodoviários e os outros crimes. Contudo, 80% das situações apresentadas pelas utentes dizem respeito ao crime de violência doméstica.

De acordo com as informações divulgadas, no decurso de 2010, a APAV somou um total de 12 660 processos de apoio, dos quais 7 711

NO ANO PASSADO, A APAV DEU ASSISTÊNCIA A 30 MADEIRENSES VÍTIMAS DE CRIME

constituíram situações de existência de uma qualquer problemática de crime. Estes processos de apoio efectivaram-se em 15 830 atendimentos e em cerca de 25 320 pessoas apoiadas. Nos 7 711 casos encontram-se os das vítimas da Região, que encontraram uma porta aberta na APAV, mesmo sem a instituição ter uma delegação física na Madeira, recorrendo, por isso, a ajuda através do contacto telefónico 707 20 00 77.

No todo nacional, de 2009 para



Associação de Apoio à Vítima divulga números do ano passado.

2010, a APAV verificou um aumento de 2528 processos de apoio, o que, em termos percentuais, significa um incremento de 25%. Em cerca de 63% das situações, o tipo de contacto efectuado pelos utentes realizou-se via telefone, seguindo-se o con-

tacto presencial com 30% dos casos. Os contactos são efectuados pelo próprio utente em 64,3% das situações. No entanto, a APAV não descarta os contactos efectuados por familiares (16%) e por amigos ou conhecidos (9,7%).

Tendo em conta as 7711 vítimas de crime assinaladas pela APAV em 2010, a tendência de anos anteriores mantém-se, uma vez que cerca de 87% das mesmas eram do sexo feminino e situavam-se, em termos de faixa etária, entre os 26 e os 45 anos de idade (25,6%).

Em termos familiares, o estado civil casado (39,3%) e o tipo de família nuclear com filhos apresentavam-se com uma percentagem bastante elevada (49,7%) face às restantes opções, aproximando-se dos 50%, em qualquer uma das variáveis analisadas. O grau de ensino das vítimas que procuraram a APAV no ano passado distribui-se de forma bastante equitativa. Porém, o nível de ensino superior apresentava valores ligeiramente acima dos restantes, com cerca de 6,7% do total de casos registados.

De acordo com a distribuição geográfica da rede nacional de Gabinetes de Apoio à Vítima e Unidades Orgânicas da APAV, os distritos de residência das vítimas mais citados são os distritos de Lisboa (19,8%), Porto (7,9%), e Faro (5,3%).

O género masculino prevalece no que diz respeito aos autores de crime, com 81% das situações sinalizadas. Dos 7711 processos onde se registaram casos de vitimação, em 34% destes foi efectuada queixa ou denúncia junto de uma das autoridades competentes.



2011-02-11 18:23:54

[Cândida Ribeiro](#)

VIOLÊNCIA ENTRE POPULAÇÃO COM FORMAÇÃO SUPERIOR DESTACA-SE NO RELATÓRIO DA APAV

O relatório da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) revela que os episódios de violência doméstica são mais comuns entre indivíduos com canudo. Os números de 2010 apontam para um aumento de 25% no índice de pessoas que pedem ajuda, comparativamente a 2009.

É entre os indivíduos com maior grau de escolaridade que mais se verificam situações de violência. Entre as vítimas que procuraram a APAV, em 2010, e identificaram o seu nível de ensino, contabilizaram-se 515 casos (mais 187 do que a segunda categoria mais prevalente, o 1º ciclo) com formação académica.

Também entre os agressores, se destacam os indivíduos que frequentaram o Ensino Superior. Dos 969 casos, em que se conseguiu apurar a escolaridade, 38% admitiu ter concluído um grau académico.

Em 2010, a APAV assinalou 19.032 factos criminosos e identificou 7.711 vítimas directas de crime. Os actos de violência doméstica são os mais comuns, registados em 80% dos casos. Em termos relacionais, só entre cônjuges assinalaram-se 48,5% dos registos. Os crimes de violência doméstica de natureza sexual aumentaram 194%, comparativamente ao ano anterior.

As vítimas continuam a ser, na sua maioria, mulheres entre os 26 e os 45 anos. 63% das denúncias chegam via telefone e 30% por via presencial. Entre os agressores, prevalece a faixa etária entre os 36 e 45 anos. Lisboa, Porto e Faro continuam a ser os distritos onde residem mais vítimas. Dezembro foi o mês mais violento de 2010.

A associação chegou aos 12.660 processos de apoio, o que reflecte um aumento de 25% face a 2009. Em 20 anos de actividade, o número de denúncias à APAV cresceu 342 vezes. Em 1990 foram 37 as queixas apresentadas.



D.R./FOTOMONTAGEM

MULHERES CASADAS, entre os 26 e os 45 anos, são as mais afectadas

APAV detecta 130 vítimas de violência no distrito

Os crimes de violência doméstica lideram as estatísticas, representando 80 por cento dos factos criminosos

Carla Real

e “Andamento Holandês”, de Vitorino Nemésio.

Sofia Areal nasceu em Lisboa, em 1960. Estudou artes no Reino Unido e em Lisboa, e tem realizado exposições individuais e trabalhos de desenho e ilustração.

Jorge Martins também nasceu em Lisboa, mas em 1940. Estudou Arquitectura e Pintura e fez da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses.

Manuel Casimiro nasceu no Porto, em 1941. É pintor, escultor, fotógrafo, designer e cineasta. O seu trabalho já percorreu mundo.

■ No ano passado, no distrito de Aveiro, foram detectadas pela APAV (Associação de Apoio à Vítima) 130 pessoas vítimas de violência. No ano em que esta associação assinalou 20 anos de existência, apoiou mais de 7700 vítimas directas de crimes.

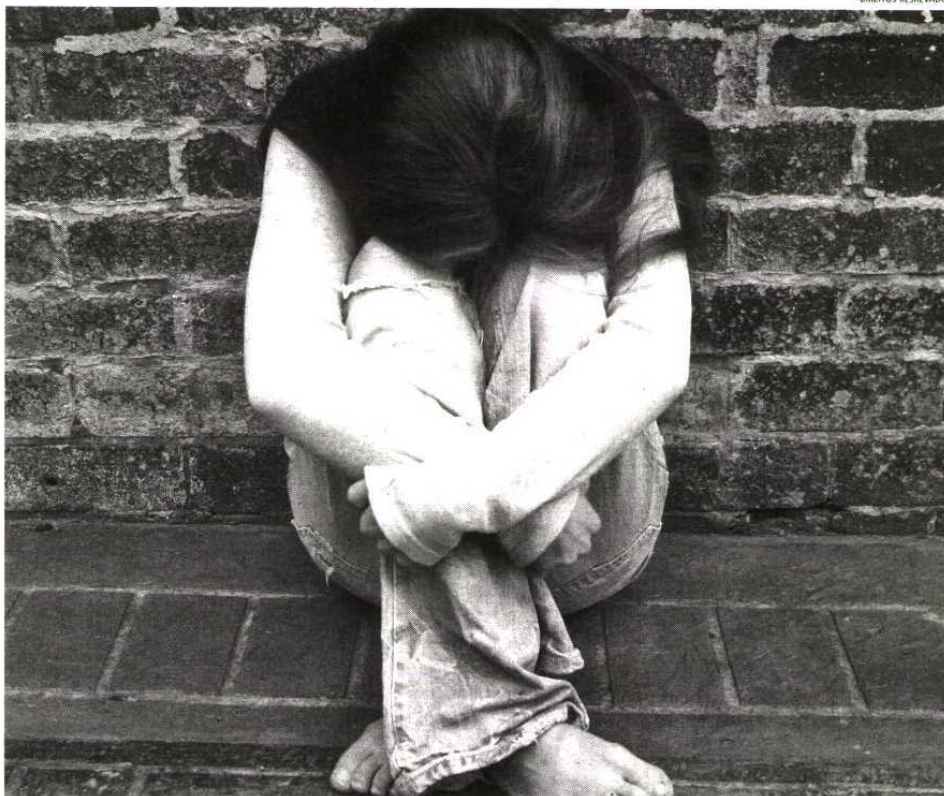
No entanto, este número sobe acima dos 25 mil, quando se soma o apoio prestado a familiares e amigos dos que foram directamente afectados pelos delitos. Ao todo, foram instaurados 12.660 processos de apoio, o que, face a 2009, reflecte um aumento de 25 por cento. Os crimes de violência

doméstica lideram as estatísticas, representando 80 por cento dos factos criminosos. A maioria destes crimes ocorre na residência comum e 63 por cento prolongam-se no tempo.

Analisando os dados constantes no relatório “Estatísticas 2010”, da APAV, é possível observar que a tendência de anos anteriores se mantém, dado que quase 80 por cento das vítimas são do sexo feminino e situam-se, em termos

de faixa etária, entre os 26 e os 45 anos (cerca de 26 por cento). Casada, com grau de ensino superior, vive do trabalho por conta de outrem e reside nas grandes cidades é como a associação retrata o seu perfil-tipo. O agressor, por seu lado, é casado (cerca de 42 por cento), do sexo masculino (84 por cento), e a sua idade situa-se entre os 36 e os 55 anos.

EM 2010, FACE A 2009, HOUVE UM AUMENTO DE 25% NOS PROCESSOS DE APOIO À VÍTIMA



Associação evidencia a existência de crimes de violência doméstica na classe média/alta, que não são denunciados

APAV regista aumento da violência doméstica durante o namoro

LUÍS PEDRO SILVA
lsilva@acorianooriental.pt

O número de pessoas que solicitou ajuda à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) nos Açores aumentou 18 por cento em 2010, segundo dados do relatório da actividade desenvolvida por esta associação.

O crime de violência doméstica continua a representar a maior percentagem dos ilícitos denunciados à APAV, quando os actos de violência ocorrem ainda na fase do namoro.

Em 2009, foram denunciados 299 casos de violência, enquanto no ano passado registaram-se 352 processos.

Sílvia Branco, gestora do gabinete de apoio à vítima, em Ponta Delgada, destaca uma preocupação pela existência de violência durante o namoro.

"A violência durante a fase de namoro está a aumentar. Por este motivo, vamos voltar a realizar acções de sensibilização nas escolas durante o primeiro semestre deste ano. Após a realização des-

tas acções de sensibilização, a população fica mais desperta e sensibilizada para este problema da violência durante a fase de namoro", afirma a responsável da APAV de Ponta Delgada.

Sílvia Branco conta que, durante a primeira abordagem, a vítima procura conhecer os seus direitos e as decisões mais difíceis são tomadas após receberem apoio técnico.

"Não é preciso haver uma queixa, mas uma ruptura da relação. Muitas vezes, as vítimas acreditam que não conseguem dar a volta à situação, devido às ameaças e constantes injúrias. Mas é efectuado um trabalho com apoio psicológico para a vítima ganhar consciência que tem capacidade para mudar a sua situação", frisa.

Os técnicos da APAV em Ponta Delgada procuram "sensibilizar as vítimas, que a violência doméstica é um crime e devem procurar os seus direitos".

As pessoas que procuram apoio recebem informação gratuita dos passos que podem seguir para criar uma situação de ruptura com a relação e, caso

entendem, avançar com uma queixa por violência doméstica.

No entanto, Sílvia Branco admite a existência de cifras negras (número de crimes que não são denunciados) nas classes média/alta da sociedade açoriana.

"A classe baixa/média procura a APAV, porque os nossos serviços são gratuitos e confidenciais. A falta de poder económico torna mais fácil recorrer a instituições de apoio gratuito. Neste momento, já registámos algumas queixas da classe média/alta, mas a grande maioria continua a situar-se na classe baixa/média, entre os 26 e 45 anos", descreve a responsável pela associação em Ponta Delgada. A APAV considera que, durante este ano, devido à crise económica, podem aumentar as situações de conflito na vida dos casais, devido à diminuição do poder económico.

Também na área dos crimes contra o património, a APAV considera que se deverá registar uma subida do número de pedidos de ajuda e informações sobre estratégias para evitar estes mesmos crimes. ♦



APAV apoiou mais 2500 pessoas no ano passado

LISBOA A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) apoiou mais 2528 pessoas o ano passado que em 2009, um aumento de 25%. Entre as 25 mil vítimas apoiadas, a maioria são mulheres entre os 26 e os 45 anos. Os distritos com mais casos são Lisboa, Porto e Faro e os pedidos de ajuda reflectem sobretudo crimes dentro da família – sobretudo violência doméstica. Em 78% dos casos não houve necessidade de acolhimento. Dois terços dos casos são situações de violência continuada, por mais de dois anos. *R. Z./Lusa*



LIVRO
**PAR – PAIXÃO, AMOR
E ROMANCE**

Este é mais do que um simples livro. Nele 80 figuras da nossa sociedade sugerem-lhe músicas românticas, receitas para jantares especiais a dois e escapadinhas únicas em Portugal, todas seguindo o mote dado por uma história romântica. **É ideal para oferecer a quem ama, seja a sua cara-metade, amigos ou família.** Nele encontrará vouchers com descontos em vários locais e parte dos lucros da venda da obra reverte para as Associações **APAV e Raríssimas.**





Amor solidário

Paixão Amor Romance é um livro “delicioso”. Nas suas páginas, 80 figuras públicas sugerem músicas românticas, receitas para jantares especiais e outras formas de acalentar o romance com pequenos – mas muito especiais

– gestos. Rui Unas, Ana Brito e Cunha, Romana e Diogo Morgado são apenas alguns dos nomes que aderiram a esta iniciativa. Parte dos direitos desta obra reverte a favor da APAV e da Raríssimas. E ainda tem um mimo para os leitores: vários vouchers, válidos mediante apresentação do talão de compra.



PAIXÃO AMOR ROMANCE,
Vários Autores, Bertrand Editora,
108 páginas



José Geadas participou no livro “PAR – Paixão, Amor e Romance”

José Geadas participou no livro “PAR – Paixão, Amor e Romance”, da autoria de António Murteira da Silva e Rui Cardoso, sob chancela da Bertrand Editora, lançado no dia 21 de Janeiro, em que 80 figuras da nossa sociedade sugerem-lhe músicas românticas, receitas para jantares especiais a dois e escapadinhas únicas em Portugal, todas elas seguindo o mote dado por uma história romântica. Além do jovem fadistas borbense, participaram Serenella Andrade, Paula Bobone, Clara de Sousa, Lili Caneças, Maria de Belém Roseira, Patrícia Cando, Mónica Sintra, Adelaide Ferreira, Domingos Paciência, Tozé Martinho, Sousa Cintra, Vitor Sobral, Francisco Moita Flores, FF, Pedro Couceiro, Rui Unas, Heitor Lourenço, Fernando Alvim, Olivier, Diogo Beja, Chakall, entre outros.

O livro ideal para oferecer a quem ama, seja a sua cara-metade, amigos ou família. No “PAR – Paixão, Amor e Romance” encontrará ainda *vouchers* com descontos em vários locais para



poder mimar ainda mais aquela pessoa que lhe é tão especial.

A juntar a tudo isto, o livro tem uma forte componente de solidariedade social, pois parte dos lucros reverte a favor das associações APAV e Raríssimas.

LIVRO Oitenta figuras públicas dão dicas românticas em projecto da Bertrand

Paixão, amor e romance em 116 páginas

As **receitas** das vendas revertem parcialmente para as **associações APAV e Raríssimas**

VERA VALADAS FERREIRA
vferreira@destak.pt

A jornalista da TVI Susana Bento Ramos, a apresentadora Serenella Andrade, a cantora Adelaide Ferreira e a *socialite* Lili Caneças são algumas das celebridades nacionais convidadas a participar no projecto *PAR - Paixão, Amor e Romance*, cujo lançamento oficial acontece esta tarde, a partir das 17h00, no Restaurante Faz Figura.

Trata-se de um projecto editorial da Bertrand, já a piscar o olho ao próximo Dia de São Valentim, ou não estivéssemos perante um livro contendo dicas românticas das mais variadas espécies. A dupla de autores António Murteira da Silva e Rui Costa (também responsável pela bio-

grafia dos Xutos & Pontapés, 30 Anos) assina esta obra cujas receitas revertem parcialmente para as associações APAV e Raríssimas.

Prenda amorosa

Na obra, 80 figuras da nossa sociedade – Domingos Paciência, Francisco Mendes, Chakall, Rui Unas, Cláudio Ramos, Tozé Martinho e João Rôlo são alguns dos exemplos no masculino – foram interpeladas a sugerir músicas românticas, receitas para jantares especiais a dois, escapadinhas únicas em Portugal. Tudo a partir de um mote lançado por uma história de amor. Eis «o livro ideal para oferecer a quem ama, seja a sua cara-metade, amigos ou família», promete-se em comunicado sobre esta obra de 116 páginas (13,90 euros).

Mónica Sintra, Rita Ribeiro, Quim Barreiros, Clara de Sousa, Maria de Belém, Mónica Sofia, Isabel Angelino e Heitor Lourenço são outros dos nomes mediáticos associados a este projecto.

A jornalista da TVI Susana Bento Ramos participa nesta edição a pensar no São Valentim



JOÃO MIGUEL RODRIGUES/CM



ID: 33943173

07-02-2011

Psicólogos e advogados ajudam os outros gratuitamente

Voluntariado garante bom funcionamento da Associação de Apoio à Vítima

O voluntariado é um dos pilares do bom funcionamento da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), instituição que, em traços gerais, visa apoiar e proteger aqueles que ficaram perturbados após uma situação de violência. O gabinete de Braga não é excepção. Ali trabalham gratuitamente pessoas das áreas de Psicologia e Direito, que dão apoio a todos os que necessitem.

Rita Cunha

Em entrevista ao *Diário do Minho* (DM), a gestora do Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Braga, Teresa Sofia Silva, explicou que, a par do voluntariado, também acolhem estágios, recaindo a preferência sobre as áreas anteriormente referidas, assim como Serviço Social. Contudo, este é um tipo de formação que não tem tanta oferta.

Para a responsável, além de ajudarem o próximo, os voluntários têm uma oportunidade de aplicar os conhecimentos adquiridos no curso, sendo que a procura aumenta com a subida do desemprego.

Embora a finalidade comum seja a de apoiar as vítimas de qualquer tipo de vio-

lência, na APAV o voluntariado pode ser exercido de duas formas distintas.

De um lado, temos o voluntariado social para o atendimento à vítima – no qual os voluntários atendem directamente os utentes – e, por outro, o voluntariado social para outros serviços, que abrange voluntários com ou sem formação académica superior. Neste caso, não estão no atendimento às vítimas mas colaboram noutras áreas, como é o caso de secretários, relações públicas, enfermeiros, médicos ou designers, entre outros.

Outro tipo de voluntários é o designado “amigos pro bono”, isto é, pessoas que exercem o voluntariado a partir do seu local de tra-



Teresa Sofia Silva é a gestora do Gabinete de Apoio à Vítima de Braga

balho. No gabinete de Braga existem duas pessoas que trabalham desta forma, um advogado e uma psicóloga.

«São pessoas que querem ajudar mas, como não podem estar aqui, atendem as vítimas que nós encaminhamos para o seu local de trabalho», explicou Teresa Sofia Silva.

Para a gestora, este tipo de voluntariado acaba por ser positivo uma vez que muitas das vítimas, «por uma razão ou por outra», preferem ser atendidas num outro local que não as instalações da APAV.

«Não é que não tenham consciência de que são vítimas, porque isso elas têm, mas há sempre aquele estigma e, nesses casos, é bom que possam ser atendidas noutros gabinetes», referiu.

Para além dos “amigos pro bono” existem também os Técnicos de Apoio às Vítimas Voluntários (TAVV) que estabelecem um vínculo de compromisso à associação.

Trata-se de um acordo que envolve a prestação de voluntariado pelo menos durante uma manhã ou uma tarde por semana, pelo período de quatro horas, de acordo com a disponibilidade do voluntário e das necessidades do gabinete no qual desenvolve o seu trabalho.

Perfil de um técnico de apoio a vítimas

Estes voluntários devem possuir um perfil que englobe dois tipos de competências – a pessoal e a técnica –, assim como promover as condições necessárias ao desempenho do seu trabalho e contribuir para um bom ambiente entre colegas e utentes.

Mais especificamente, segundo explica a APAV na sua página de internet, a competência pessoal é aquela que todos os voluntários devem possuir.

Tal implica que a pessoa saiba adequadamente gerir as suas relações humanas, ou seja, deve «manifestar um comportamento relacional pacífico e minimizador de conflitos para os que lhe são próximos, e reunir capacidades para conviver com todas as pessoas que passam directamente pelo GAV».

Por outro lado, deve adotar um comportamento tolerante e de respeito perante os valores e costumes culturais das vítimas, sem impor os seus, bem como ser capaz de gerir as suas vivências em termos emocionais e de manter o equilíbrio emocional em situações de stress decorrentes do próprio trabalho ou de ameaças dos agressores, algo que pode ser frequente.

Por último, um técnico de

apoio às vítimas deve ter vocação para o trabalho a que se propõe, assim como disponibilidade para a solidariedade social.

«Se os TAVV não detiverem intrinsecamente esta vocação, não poderão corresponder positivamente às solicitações inerentes ao seu papel, ou seja, se o princípio da solidariedade social não tomar lugar no seu quadro axiológico de referência, o seu trabalho será vão, desprovido do sentido de missão», pode ler-se.

No que se refere à competência técnica, esta implica que o técnico tenha concluído ou esteja a concluir uma formação académica na área científica da sua formação, tendo a possibilidade de aprofundar os seus conhecimentos ao longo do trabalho desenvolvido na instituição.

De referir que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima dispõe ainda de um Centro de Formação que promove a constante aprendizagem dos seus grupos profissionais, tanto internos como externos.

Desde o seu início, a instituição já formou profissionais em áreas como saúde, educação, polícia, de apoio à vítima, bem como em Comissões de Protecção de Crianças e Jovens em Risco. Outros profissionais abrangidos são advogados e funcionários judiciais.

Direitos e deveres de um voluntário

Tal como todos os voluntários, também os da APAV possuem uma série de direitos e deveres para com os destinatários, a entidade promotora, os profissionais, os outros voluntários e a sociedade.

Alguns exemplos são o respeito pela vida privada e convicções das vítimas, contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal; garantir a regularidade do exercício do trabalho de voluntariado; fomentar uma cultura de solidariedade; receber apoio no desempenho do seu trabalho através de formações; e ter um ambiente de trabalho favorável.

O apoio prestado nos Gabinetes de Apoio à Vítima, com recursos da sua rede de voluntariado, não é somente emocional mas também psicológico, jurídico e social.

No primeiro caso, a vítima é informada acerca dos seus direitos e das várias etapas dos processos judiciais e é auxiliada na elaboração de requerimentos e peças processuais.

O apoio psicológico, por seu turno, compreende a avaliação da situação de risco mental e do grau de sofrimento emocional do utente.

Neste âmbito, os técnicos ajudam-no a reconhecer as competências que já possui e a encontrar formas de as pôr em prática no sentido de minimizar a amargura e de prevenir futuras situações de vitimização. Caso se verifiquem factores de risco, a vítima é ainda encaminhada para o serviço de apoio adequado.

Quanto ao apoio social, esta visa elaborar o diagnóstico das necessidades sociais da vítima e da sua família no que se refere à habitação, educação, emprego e formação profissional.

Para além disso, o utente é informado e aconselhado acerca dos vários recursos sociais aos quais pode recorrer, bem como auxiliado no contacto com outros serviços e instituições.

Mulheres adultas são as principais vítimas

Violência doméstica é o motivo da maior parte das queixas

Apesar de a APAV apoiar todo o tipo de vítimas de crime, a associação está altamente conotada com o auxílio àqueles que sofrem em situação de violência doméstica. Algo que é compreensível tendo em conta que a esmagadora maioria das queixas apresentadas se prende com esse motivo.

As queixosas são quase sempre mulheres que vivem atormentadas com as agressões – físicas ou verbais – dos maridos, mas tem crescido o número de casos de idosos que são agredidos, tal como explicou Teresa Sofia Silva, gestora do GAV de Braga.

«Ainda na semana passada registámos dois pedidos de ajuda», disse, sublinhando que, na maior parte das vezes, os agressores são os próprios filhos, havendo casos em que são os genros, sobrinhos ou netos.

Situações de violação sexual de menores ou de ofensa à integridade física por parte de estranhos ou até mesmo de traumas provocados por roubos são outros dos casos que passam pelo Gabinete de Apoio à Vítima de Braga, mas em menor número.

«Sem dúvida que o que mais aparece por aqui são casos de



Publicidades da APAV visam sensibilizar para o crime da violência familiar

violência doméstica», referiu, sublinhando, porém, a necessidade de especificar este tipo de crime. «Dentro da violência doméstica podemos ter também a violência contra idosos e o abuso sexual, incluindo o de menores dentro de portas», explicou.

Contudo, são as agressões entre cônjuges as que predominam, em específico os casos de maridos que agredem as esposas.

«Também existem casos de homens que nos procuram, mas é raro, o que não quer dizer que não existam mais do que os que sabemos porque são casos

que se encontram encobertos. Em termos culturais, ir a uma instituição pedir ajuda porque se é vítima de maus tratos por parte da mulher é um bocado complicado», sustentou Teresa Sofia Silva.

A maior parte das vítimas que se desloca ao GAV de Braga tem entre 30 e 45 anos de idade e casada. Apesar de se registarem casos de violência entre jovens ainda na fase do namoro, estes não são tão comuns.

Contudo, muitas das situações são de violência que começou durante o namoro, tendo-se prolongado durante

anos de casamento.

«Há pessoas que nos confessam que já eram vítimas de violência doméstica, mas casaram na expectativa de que o casamento ia melhorar as coisas, e normalmente é completamente ao contrário porque o agressor dificilmente deixa de o ser», considerou a responsável.

Crime abrange qualquer classe social

Ao contrário do que muitos possam pensar, este é um tipo de crime que ocorre em qualquer família, inde-

pendentemente do seu escalão social ou nível económico. «É transversal a todos os estratos e não tem nada a ver com a situação económica-social», disse.

«Por vezes, vemos uma casa bonita na qual vive uma família rica que, aparentemente, tem tudo. Mas lá dentro existe violência, faltam os afectos e ninguém imagina», exemplificou a coordenadora.

Para Teresa Sofia Silva, o número de casos de violência em famílias ricas ou pobres deve estar mais ou menos equilibrado, embora seja difícil fazer esse tipo de estatística.

«Temos de ter em conta que as pessoas que mais nos procuram são aquelas que têm poucos recursos económicos para recorrer aos serviços particulares e nós só contabilizamos o que nos aparece aqui, podendo haver muitos outros casos, nomeadamente de pessoas com posses, que não passam por nós», esclareceu.

Porém, acrescentou, «recebemos aqui pessoas com posses económicas, embora não

tantas, mas apenas pela razão monetária».

Quanto ao perfil de um agressor, a responsável referiu uma característica comum a quase todos eles: «socialmente, são pessoas muito bem aceites, sempre dispostas a ajudar os outros, dão uma imagem completamente diferente daquilo que depois se passa em casa, onde se transformam».

«Este perfil consta de diversos estudos e eu própria, pela experiência que tenho aqui, também já cheguei a essa conclusão. Normalmente, se algum deles disser que bate na mulher ninguém acredita», disse ainda.

Teresa Sofia Silva falou ainda dos casos de violência apenas psicológica, cujas queixas não são inferiores. «Não deixa de ser grave, há mesmo quem considere que a psicológica é pior porque deixa marcas mais profundas. Já ouvi pessoas a dizer que preferiam levar um estalo do que ser humilhadas, desprezadas ou ameaçadas», referiu.

«Ninguém tem de viver uma vida de violência»

A mensagem que Teresa Sofia Silva deixa para este tipo de vítimas é que «ninguém tem de viver uma vida de violência», muito embora, por vezes, esta possa ser «íngata».

«Temos de pensar que, se temos o direito de ser felizes, há que procurar essas hipóteses, nem que seja pedindo ajuda junto de outras pessoas ou serviços, por isso a minha mensagem para quem está a viver uma situação destas é que deve ganhar coragem para pedir auxílio porque há soluções», sustentou.

Contudo, a gestora sublinhou a importância de a vítima não estar sozinha quando toma a decisão de denunciar o caso à polícia ou até mesmo de sair de casa. «É importante que tenham alguém a dar apoio porque não é fácil», explicou.

«E quando decidem apresentar queixa, aconselhamos que o façam com cuidado, ou seja, que vão vigiando a caixa do correio para que sejam os primeiros a receber a notificação da polícia, de modo que, na altura, já tenham mala pronta e alguém com quem contar, caso seja necessário sair de casa», disse a coordenadora.

Para Teresa Sofia Silva, este «plano de segurança pessoal» é fundamental porque existe uma grande probabilidade de o atacante se tornar ainda mais agressivo.

Quando a situação envolve filhos, os cuidados devem ser redobrados, de modo a proteger as crianças o máximo possível. «Eles [os filhos] acabam por sofrer directa ou indirectamente porque assistem a tudo o que se passa entre os pais e isso é devastador», disse, acrescentando que, por vezes, as próprias crianças reproduzem, em adultas, os mesmos comportamentos presenciados na infância.

«As referências delas são os pais e, para muitas delas, o que os pais fazem é que está certo e se vêem o pai a bater na mãe, é porque é normal. Crescem naquele ambiente e não têm noção», esclareceu.

Por esse motivo, o apoio prestado pela APAV não se destina somente às vítimas directas, mas também aos filhos ou outros familiares e amigos que, de uma forma ou outra, vivenciaram a situação. A maior parte delas chega ao gabinete acompanhando a vítima directa.

“ Há pessoas que nos confessam que já eram vítimas de violência doméstica, mas casaram na expectativa de que o casamento ia melhorar as coisas, e normalmente é completamente ao contrário porque o agressor dificilmente deixa de o ser. ”



ID: 33943173

07-02-2011

Gabinete de Braga recebe por ano centenas de pedidos de ajuda

Por ano, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima de Braga recebe centenas de pedidos de ajuda, cabendo a maior fatia ao concelho bracarense, o que se justifica com o elevado número de habitantes, seguindo-se Guimarães e Vila Nova de Famalicão.

De acordo com dados referentes a 2009 – os mais recentes até à data –, pela APAV de Braga passaram 362 processos de apoio. Os meses de Julho foram os mais requisitados, com 49 e 42 casos, respectivamente.

No que se refere aos dias da semana, a percentagem de atendimentos vai diminuindo à medida que esta avança, com 23,8 por cento.

A nível nacional, Braga é o oitavo concelho num universo de 15, com 362 pedidos. Lisboa é o que mais processos de apoio regista (3776), seguindo-se Porto (1586), Cascais (713), Coimbra (634), Vila Real (466), Setúbal (432),



Cada vez mais pessoas pedem ajuda nos gabinetes da APAV

Santarém (318), Ponta Delgada (298), Portimão (278), Faro (232), Albufeira (203), Odivelas (155), Loulé (113) e, por último, Tavira (100).

A estes atendimentos acres-

centam-se os registados na UVIDRE – Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica (377), no Projecto Sul (70) e na Casa de Abrigo de Alcipe (19).

Totalizando todos estes dados, pode dizer-se que, a nível nacional, a APAV recebeu nesse ano 10.132 pedidos de ajuda.

Também em termos nacio-

nais, as vítimas são sobretudo do sexo feminino (86 por cento) e casadas (44 por cento).

Em contraste, 84 por cento dos autores dos crimes são homens com idades compreendidas entre 26 e 45 anos. No que se refere às dependências dos agressores, quando estas existem, são sobretudo o álcool (21,7 por cento), seguindo-se os estupefacientes, com seis por cento, e fármacos, com 2,2. De referir que cerca de 16 por cento não regista qualquer tipo de dependência.

Teresa Sofia Silva explica esta interligação: «o alcoolismo porque liberta a maldade que já existe no agressor; o desemprego porque provoca nas pessoas um sentimento de frustração e de elevada pressão; e a toxicodependência porque implica uma obsessão por dinheiro para sustentar o vício», referiu a gestora.

A estes pontos acrescen-

tam-se as questões culturais que ainda hoje dominam a sociedade, de acordo com as quais a mulher é subserviente do homem.

«E a situação piora se o sustento da casa for a mulher. Possivelmente, numa tentativa de se sentir superior, o homem agride-a. Há casos de maridos que não aceitam e, se calhar, essa é a forma que encontram de mostrar a sua masculinidade», disse.

Quanto ao local onde é praticado o crime, em 59 por cento dos casos estes ocorrem na residência comum. Em menor percentagem seguem-se, por esta ordem, a via pública, a casa da vítima, a casa do autor e o próprio local de trabalho.

No que se refere ao tipo de vitimização, em 71 por cento das situações, é continuada.

Também pode ler esta reportagem – e outras – em <http://www.diariodominho.pt/listagem/22/Reportagem>

Milhares de vítimas são crianças

De acordo com uma análise efectuada entre 2000 e 2009, a APAV registou um total de 5.917 crianças que recorreram aos seus serviços, na sua maioria meninas na faixa etária dos 11 aos 17 anos. Contudo, há milhares de registos de agressões a crianças até aos dez anos, cerca de 2.800.

Por outro lado existem, também, situações

em que são os mais novos a agredir. De 2004 a 2009, houve 6.682 casos deste género, 2.360 dos quais de filhos que exerceram qualquer tipo de violência sobre os seus pais. No topo ficam as agressões entre cônjuges (23.349) e, em último, aquelas em que não existe qualquer tipo de relação entre a vítima e o agressor (118).

Quanto aos casos em que são os idosos as vítimas dos crimes, os dados apresentados pela APAV permitem observar que, de 2007 para 2008, o número de pessoas idosas que recorreu aos seus serviços aumentou quase 21 por cento, passando de 656 para 792 utentes.

Quanto à faixa etária deste tipo de vítimas – a esmagadora maioria mulheres –, a predominante é a que fica entre os 65 e os 75 anos.

No que diz respeito aos atendimentos da UVIDRE – Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial ou Étnica, entre 2005 e 2009 foram atendidos 1.429 casos em todo o país.

Convém frisar que estes são apenas os casos recebidos pela APAV, o que não reflecte o número total existente. Para além disso, nos casos em que se registam subidas ou diminuições, tal não significa que há mais ou menos casos, mas sim que há mais ou menos queixas.

O facto de, actualmente, as pessoas terem maior consciencialização para este tipo de problemas e, de culturalmente, não os aceitarem de igual forma, pode ser a justificação para alguns dos aumentos verificados. «A violência sempre existiu, mas nem sempre foi denunciada», lembrou, a propósito, Teresa Sofia Silva.

«Hoje em dia as mulheres têm consciência de que não é normal e, portanto, é compreensível que aumentem os casos nos gabinetes, o que acaba por ser bom sinal porque os casos são em igual número, só que as pessoas sabem que podem pedir ajuda», justificou.

Taxa de sucesso tem sido elevada

Apesar de a maior parte das vítimas que opta por seguir uma vida longe do agressor conseguir fazê-lo, há casos de mulheres que voltam para os maridos. «Mais tarde, acabamos por saber que a pessoa voltou e nós temos de respeitar, como é óbvio; nós só aconselhamos, não tomamos decisões», explicou Teresa Sofia Silva.

De acordo com a responsável, isto normalmente acontece quando o agressor tenta mudar a sua imagem, mostrando que não volta a cometer os erros do passado, mas raramente o ciclo de violência termina.

«Ele vai buscá-la, promete que não a volta a agredir e ela acredita. Depois vem a fase de "lua-de-mel", mas mais tarde elas voltamos a bater à porta», adiantou, frisando, contudo, que existem casos de sucesso, «o que é gratificante para nós e muito mais para a vítima, que fica livre».



Durante o ano de 2010

Gabinete da APAV de Braga atendeu 370 pedidos de ajuda

O gabinete de Braga da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) acolheu, no ano passado, um total de 370 pedidos de ajuda, registando-se mais oito casos do que em 2009. A nível nacional, a instituição apoiou cerca de 25 mil pessoas, registando um aumento de 2.528 processos, mais 25 por cento face ao ano anterior, de acordo com estatísticas ontem divulgadas.

No concelho de Braga, o mês de Maio foi o que mais pedidos acolheu (47), em contraste com o de Dezembro (dez). No que se refere ao distrito de residência da vítima, em 316 dos casos (4.1 por cento) estas habitam em Braga e apenas 34 (0.4 por cento) em Viana do Castelo.

De realçar que o número de pessoas apoiadas inclui as vítimas directas de crime, bem como familiares e amigos próximos.

O apoio é prestado através dos 15 gabinetes da instituição, das duas casas de abrigo

destinadas a mulheres e crianças, pela Unidade de Apoio à Vítima Imigrante e de Discriminação Racial e ainda por telefone.

O número anual de processos de apoio começou por 37 em 1990 para atingir os 12.660 no ano de 2010, segundo as estatísticas elaboradas pela instituição.

Dos processos registados em 2010, 7.711 dizem respeito a «situações de existência de uma qualquer problemática de crime», lê-se no relatório da associação.

A mesma fonte precisa que os processos de apoio se traduziram em 15.830 atendimentos e em cerca de 25.320 pessoas apoiadas.

Os números divulgados apontam para 19.032 crimes em 2010, com 7.711 vítimas directas.

Os meses de Março (8.5 por cento), Julho (9.8), e Dezembro (19.9) foram os que registaram maior afluência aos serviços disponibilizados pela APAV.

Na maioria dos casos (63 por cento), os utentes estabelecem contacto via telefone, representando 30 por cento o contacto presencial.

São as próprias vítimas a procurar apoio na maioria dos casos (64.3), seguindo-se os familiares (16) e os amigos (9.7).

De acordo com um inquérito sobre o ano de 2010, as principais fontes de referência da APAV para os utentes foram a publicidade (14 por cento), os amigos (10.2) e a Comunicação Social (7), surgindo só depois os familiares (5.7).

Foi também avaliada a necessidade de intervenção em crise, ou seja, o apoio pontual para reduzir o stress emocional excessivo do utente. Aqui, as equipas da APAV intervieram em 22 por cento das situações sinalizadas.

A APAV prestou também apoio jurídico em quase metade dos casos e informação sobre outras instituições de apoio. Em 78 por cento das situações identificadas em

2010 não houve necessidade de acolhimento.

Para o Gabinete de Apoio à Vítima foram encaminhados 34 por cento dos casos, para a Segurança Social 13.1 e para a PSP 11.7.

As vítimas continuam a ser na grande maioria mulheres (87 por cento), mais de um quarto das quais na faixa etária dos 26 aos 45.

Entre os agressores prevalece a faixa etária dos 36 aos 45 anos de idade (10.2 por cento), seguindo-se a dos 46 aos 55 (8.1).

Os distritos de residência das vítimas mais citados no estudo são Lisboa (19.8 por cento), Porto (7.9) e Faro (5.3).

«É possível afirmar que as relações familiares entre autor/a do crime e vítima são as situa-

ções mais comuns», concluem os autores do estudo, segundo os quais «só entre cônjuge/companheiro assinalaram-se 48.5 por cento» dos casos registados.

«A vitimação continuada é uma característica em 69 por cento dos casos» e prolonga-se por mais de dois anos em 36.1 por cento das situações, realça ainda a APAV.

Últimas **Azevedo Silva apresenta novo disco no Espaço APAV & Cultura**

publicado em 07 Fev 2011 - 16:59

 SHARE

Azevedo Silva regressa ao Espaço APAV & Cultura no próximo dia 17 de Fevereiro, às 19h. Neste concerto o cantautor apresenta o seu novo disco, *Carrossel*, editado no final de 2010. Neste espectáculo Azevedo contará com o apoio instrumental de violoncelo e violino, além da tradicional voz e guitarra. O “fado indie” vai passar pelo espaço da APAV.

O Espaço APAV & Cultura está localizado na Rua José Estêvão 135-A (ao Jardim Constantino), em Lisboa. O concerto, resta dizer, tem entrada livre.



André Gomes
andregomes@bodyspace.net



AGENDA

Agenda do Dia

Exposições

Dança

Teatro

Música clássica

Música moderna

Jazz/Blues

Cinema

Ciclos/Festivais

MUSEUS DESTAQUE

Museu Gulbenkian

Arte Antiga

Anastácio Gonçalves

MUSEUS DIRECTÓRIO

PESQUISA

Ok

NEWSLETTER

Subscreva aqui a
nossa **newsletter** O seu e-mail

Ok

Powered by



» Quem Somos

» Contactos

» Recrutamento

EVENTO DETALHE

Música - Pop/Rock

«Carrossel» - Azevedo Silva
Espaço APAV & Cultura

17-02-2011

22h30

Entrada: Preços N/D

Reservas: 213587915



Azevedo Silva apresenta neste concerto o seu terceiro disco de originais, "Carrossel", que contou com a participação de vários convidados dos You Can't Win, Charlie Brown; Gaza (If Lucy Fell, Men Eater) e Filipe Paszkiewicz, entre outros.

<http://azevedosilva.bandcamp.com/album/carrossel>;
www.myspace.com/azevedosilva



OUTROS DADOS

Espaço APAV & Cultura - Lisboa

Rua José Estevão 135 A - Tel.: 213587915

NOUTROS LOCAIS

Espaço APAV & Cultura - (17-02-2011)

NO MESMO LOCAL

Música - «Carrossel» - Azevedo Silva - (17-02-2011)

OUTROS EVENTOS

Clássica - «Integral da obra para piano de Chopin (1836-1839)...» - Centro Cultural de Belém (CCB)

Contemporânea - «Música Contemporânea para Violino Solo» - Liviú S... - Auditório da Orquestra Metropoli...

Pop/Rock - SUM 41 - Coliseu dos Recreios

Pop/Rock - «Carrossel» - Azevedo Silva - Espaço APAV & Cultura

Clássica - Solistas da Metropolitana de Lisboa interpretam Pi... - Sociedade Portuguesa de Autores ...



NA ESCOLA INFANTE D. PEDRO

“Namoro violento não é namoro” em palestra para estudantes

■ No âmbito do Dia dos Namorados, realiza-se amanhã e depois, na Escola Infante D. Pedro, em Buarcos, uma palestra subordinada ao tema “Namoro violento não é namoro”, para ajudar a perceber que «o tempo de namoro é sobretudo um tempo de conhecimento mútuo, de descoberta e partilha e que não pode haver lugar para a violência». Uma iniciativa sobre a prevenção da violência e agressão no namoro, dinamizada por técnicas da APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) de Coimbra e promovida pela BE em articulação com o “PÊSES-QB”.

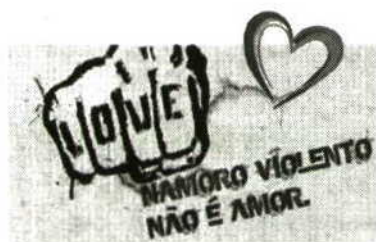
Entretanto, ainda naquele estabelecimento de ensino, decorrem, durante este ano lectivo, ações de

sensibilização à comunidade escolar sobre o autismo, sessões a desenvolver pelos professores de educação especial junto de todas as turmas da escola, nas aulas de formação cívica, abrangendo um total de 400 alunos.

Iniciativa que visa dar a conhecer o “Espectro do Autismo”, sensibilizando os alunos para esta síndrome, uma perturbação do desenvolvimento e não doença. É preciso «não normalizar, respeitar a doença», é a mensagem que os técnicos pretendem deixar sobre esta disfunção no desenvolvimento cerebral, com origem na infância e que persiste ao longo da vida e que pode dar origem a uma grande variedade de explicações clínicas. I



Prevenção da Violência e Agressão no Namoro



No âmbito do Dia dos Namorados, a escola promoveu sessões sobre a Prevenção da Violência e Agressão no Namoro, dinamizadas por técnicas da APAV de Coimbra. A mensagem a transmitir é que “o tempo de namoro é sobretudo um tempo de conhecimento mútuo, de descoberta e partilha, em que não pode haver lugar para a violência”.



Figueira da Foz

Escola discute violência no namoro

●●● A Escola Infante D. Pedro, em Buarcos, promove **hoje, pelas 15H30**, um seminário com o tema “Prevenção da Violência e Agressão no Namoro”. A sessão, dinamizada pelas técnicas da APAV de Coimbra, é dirigida ao público escolar e repete-se amanhã, também pelas 15H30.

Crise faz aumentar coação e violência contra os idosos



Há cada vez mais famílias a retirar os idosos dos lares para que possam beneficiar das suas pensões de reforma, alerta a Associação Portuguesa de apoio à Vítima (APAV). Situação agravada pela falta de respostas sociais

>Págs 6 e 7



ID: 34185069

22-02-2011

6 | essencial

tema do dia

No Dia Europeu da Vítima de Crime, o drama c

vítima tipo

► Mulheres (87 por cento), com idades compreendidas entre os 26 e os 55 anos (25,6 por cento)

► Casadas (39,3 por cento), de nacionalidade portuguesa (68 por cento), tendo por base a família nuclear com filhos (49,7 por cento)

► Vive do trabalho por conta de outrem (25,3 por cento) e reside nas grandes cidades

agressor tipo

► Sexo masculino (84 por cento), com idades compreendidas entre os 36 e os 55 anos (18,3 por cento)

► Casado (41,7 por cento) e de nacionalidade portuguesa (57 por cento)

redes de apoio

► Querer. Não há apoio possível à vítima de violência doméstica, sem que esta queira esse apoio

► Quanto mais cedo se procurar ajuda melhor. A intervenção deve ser o mais precoce possível. A violência doméstica começa cada vez mais no namoro

► O primeiro recurso pode ser o médico de família. Mas a APAV – integrada numa rede consolidada em Coimbra no grupo “Violência: Informação, Investigação, Intervenção” – é uma possibilidade. O trabalho em rede é assegurado e o encaminhamento garantido



DR

Violência vítima tip casada e

Os números gerais de 2010 – denúncias indiretas) – demonstram um aumen

... A denúncia faz-se, cada vez mais. Mas o empenho em alterar realidades e contribuir para a mudança necessária é, ao que é possível perceber junto de organismos como a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), ainda muito débil. A violência doméstica exprime-se em números cada vez mais eloquentes e todos temos a responsabilidade de contribuir para a sua denúncia, mas também para a rede de apoio necessária às suas vítimas.

Num sábado à tarde igual a tantos outros numa redação, ainda assim, estranhamente calma, o telefone tocou várias vezes. Uma voz sem rosto, mas com uma urgência quase palpável, denunciava ao jornal um caso “continuado” de violência doméstica com todos os clássicos contornos: mulher, com filhos, sem grande apoio da família alargada, classe e instrução médias... a situação, garante quem denuncia, aproxima-se de um ponto sem retorno... Então e a denúncia às autoridades policiais? Já tudo foi feito, garante, mas nada tem resultado...

A situação, nesta altura, dizem os especialistas só tem uma direção possível: a vítima tem de “querer” sair da situação de violência, deve procurar apoio junto das entidades (policiais e de solidariedade), se possível com o apoio de alguém próximo da rede familiar alargada, e encontrar, com esses apoios, uma alternativa eficaz ao ciclo de violência em que tem vivido.

Violência doméstica ou familiar

Há quem prefira chamar-lhe violência familiar. Mas o crime tipificado na lei é o de violência doméstica. E, o facto, é que uma e outra designação integram uma mesma realidade: a violência exercida contra as pessoas em ambiente familiar, doméstico portanto. As denúncias aumentam e os casos de maior gravidade, a culminarem na morte,



continuado da violência doméstica

doméstica: o é mulher, com filhos

enúncias, atendimentos, processos de apoio e vítimas (diretas e mento. Violência doméstica é a que mais e maiores danos provoca

aumentam na mesma linha.

Quem o garante é Natália Cardoso, responsável pelo Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Coimbra, fazendo-se apenas porta-voz de todas as estatísticas registadas em Portugal nos últimos anos.

Então, violência doméstica ou violência familiar? A única diferença, diz a especialista, reside na terminologia legal: o crime tipificado na lei é o de violência doméstica (que começou por seu de maus-tratos). E esta integra todo o tipo de violência entre o casal – casados, em união de facto ou entre casais homossexuais –, mas também situações de maus-tratos contra progenitor de “descendente comum” (apenas com filhos em comum) e ainda contra ascendentes (pais), descendentes (filhos), adotantes e adotados ou pessoas a viverem no mesmo círculo familiar.

E a lei portuguesa é uma boa lei? Natália Cardoso está convencida

da que sim: “quer a alteração feita ao Código Penal com a inclusão do crime de violência doméstica, quer a nova lei de Proteção às Vítimas de Violência Doméstica, que cria o Estatuto das Vítimas de Violência Doméstica”. Estas são leis que vêm trazer vantagens para as vítimas, o que interessa agora é pô-las em prática, claro.

Armas potenciam violência

Qual é o tipo de vítima que mais recorre ao GAV? A maior percentagem continua a ser a de mulheres vítimas de violência doméstica. Os restantes casos, que aparecem, são sempre muito mais residuais, da ameaça, à perseguição, agora já fora do contexto familiar.

Nos casos acompanhados pelo GAV, não houve, em 2010, vítimas mortais. Mas houve mortes, muitas mortes no país, nomeadamente no distrito de Coimbra – recorde-se que está neste momento a decorrer, no Tribunal de Montemor-o-Velho, o julgamento de Mário P., acusado de ter assassinado a mulher, Manuela, de 35 anos, em frente à filha de ambos, e, depois, um agente da GNR, cabo Dias –, que trouxeram para as primeiras páginas dos jornais uma realidade a atravessar estatutos sociais e formação escolar.

Para Natália Cardoso, uma das grandes causas para o aumento das vítimas mortais da violência doméstica reside muito no número de armas de fogo, legais e, sobretudo, ilegais, a circularem de facto. E esta é uma realidade que diariamente chega ao GAV pelos relatos de vítimas, muitas vezes ameaçadas: “Eu sei que ele tem uma arma” ou então “Ele não tem uma arma, mas já me disse que consegue uma quando quiser”. E, o facto, é que consegue.

Lídia Pereira
lidia.pereira@asbeiras.pt

números

590

processos de apoio foram registados em 2010 no Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Coimbra

300

foram as queixas por violência doméstica à PSP de Coimbra, até 31 de outubro de 2010. Em 2009, registou-se um total de 340 queixas

43

mulheres foram mortas durante o ano de 2010, em Portugal, vítimas de violência doméstica, o pior número desde 2006, que registou 46 vítimas mortais

198

dos 590 casos apoiados no GAV em 2010 pertencem a Coimbra

186

agressores das vítimas apoiadas no GAV de Coimbra eram seus cônjuges

12

desses agressores tinham condenação anterior

Violência contra idosos sobe na proporção direta do descaso



●●● A somar aos casos recentes que chocaram uma opinião pública quase sempre a preferir ignorar, os idosos estão hoje à mercê de uma realidade muito ditada pela crise: há cada vez mais famílias a retirá-los dos lares para que possam beneficiar das suas pensões de reforma.

A denúncia chega às associações de apoio, como a APAV, mas as situações reais proliferam a coberto da minguia nos apoios sociais e do aumento das situações de insustentabilidade económica das famílias.

Por outro lado, uma espécie de “europeização” da sociedade portuguesa, no seu pior sentido – o que aponta para a quebra quase total de relações de vizinhança que, não há muito tempo, eram sinónimo de rede de apoio social não organizada, mas efetiva –, leva à precarização quase total, muitas vezes fatal, das condições de vida dos mais idosos.

Ao DIÁRIO AS BEIRAS, Natália Cardoso aponta o dedo ao “descaso” que prolifera entre quase todos. A denúncia acontece, as pessoas estão cada vez mais atentas à sua necessidade, mas o envolvimento, esse, é cada vez menor.

Hoje, ao invés de bater à porta para perguntar se é preciso alguma coisa, faz-se uma denúncia via telefone, quase sempre anónima. Assim, a consciência fica tranquila, o dever foi cumprido... O facto é que, como salienta a responsável pelo Gabinete de Apoio à Vítima (GAV) de Coimbra, esse “empenho” não chega



Cortes ao nível do apoio social – lares e famílias de acolhimento – são fatores negativos determinantes

- 1 Tem havido uma subida grande de crimes participados, que corresponde a um aumento de situações concretas de violência contra idosos
- 2 No Gabinete de Apoio à Vítima de Coimbra, houve muitas semanas com pelo menos uma queixa de violência contra idosos

para salvar.

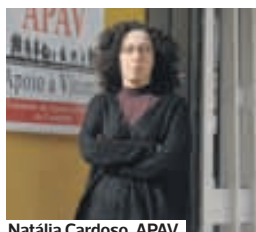
Porque, em muitas circunstâncias, quando é da velhice que se trata, o descaso e o abandono são o que mais dano causa. Sobreretudo porque, no caso dos idosos – ao contrário das mulheres vítimas de violência doméstica – em muito poucas situações há respostas sociais que permitam retirar a pessoa do seu local de residência.

Lídia Pereira
lidia.pereira@asbeiras.pt

discurso direto

► A posição da APAV é clara: todas as vítimas de crime deviam ter o mesmo tipo de proteção

► Quem mais recorre aos nossos serviços, são as mulheres vítimas de violência doméstica



Natália Cardoso, APAV



Deolinda, 75 anos, vítima de maus-tratos da filha há 30

Nos últimos cinco anos dirigiram-se à Associação de Apoio à Vítima mais de mil pessoas a queixar-se de maus-tratos há mais de 30 anos. As vítimas são principalmente velhos // PÁG. 22



Agressões. Há pessoas que são vítimas durante mais de 40 anos

Entre as vítimas de crime que procuraram a APAV em 2010 40 sofreram agressões ao longo de quatro décadas. O número sobe para 149 nos casos em que a pessoa foi vítima durante mais de 30 anos

SÍLVIA CANECO
silvia.caneco@ionline.pt

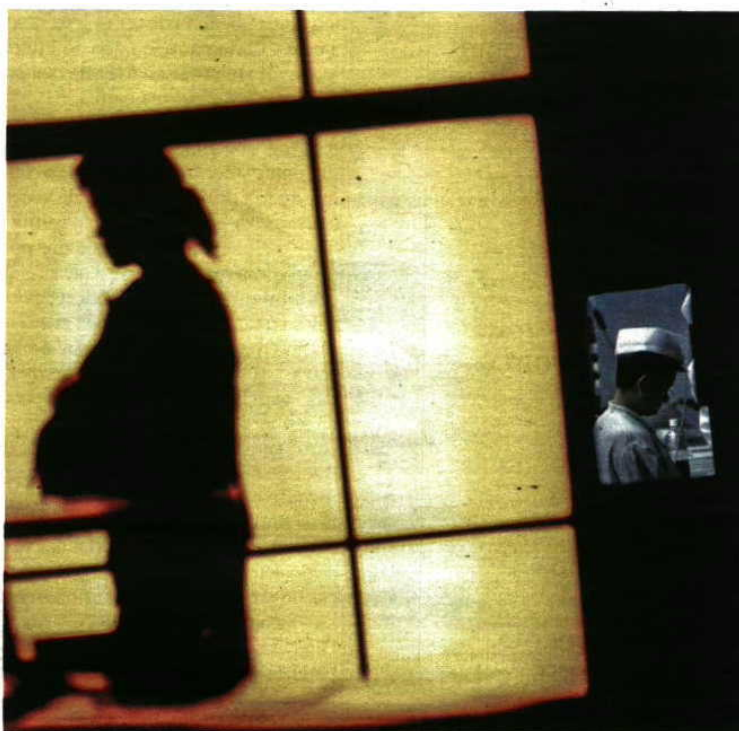
"Já não é a primeira vez que [a minha filha] me bate... E também me fecha no quarto quando não lhe convém que eu esteja à vista quando leva os namorados lá a casa. Estou numa situação de quase miséria, porque todo o dinheiro que tenho é para ajudar a pagar o empréstimo do apartamento da minha filha, que, além disso, também me vendeu o ouro e um relógio que tinha sido do meu pai. Algumas pratas também já foram à vida." Fala Deolinda, 75 anos, mulher e mãe vítima de maus-tratos físicos e psicológicos da própria filha. Só aos 75 percebeu que as histórias de extorsão e de maus-tratos não deviam ser segredo e procurou a APAV. "O problema é que amo a minha filha como uma mãe ama um filho", dizia Deolinda, para justificar o silêncio de décadas. "Não consigo perceber onde errei na educação dela para merecer isto", contava Deolinda, fazendo cair sobre si própria o espectro da culpa. "A minha filha não pode fazer-me isto só porque estou velha", concluía Deolinda, num segundo de coragem e lucidez.

Deolinda não está sozinha. Quarenta pessoas que procuraram a APAV em 2010 foram vítimas de algum crime durante mais de 40 anos. Ao longo de quatro décadas, foram vítimas de agressões e do seu próprio silêncio. Sofreram, mas calaram.

O número sobe para 149 quando se trata de casos em que as agressões se prolongaram por mais de 30 anos: às 40 pessoas que foram vítimas durante mais de quatro décadas juntam-se as 109 que foram vítimas num período entre os 31 e os 40 anos.

Ao todo, nos últimos cinco anos – de 2006 a 2010 – a APAV recebeu 242 pessoas que estavam numa relação de vitimação há mais de 40 anos e 773 que eram vítimas há mais de três décadas.

"São casos de pessoas que passam por um ciclo de violência tão longo que o seu amor-próprio fica totalmente destruído. Isolam-se e acham até muitas vezes que a atitude do outro se justifica. Dependem emocional ou financeiramente da pessoa que as agride ou mantêm-se na



Vitimação continuada aponta em regra para violência doméstica

REUTERS

relação para proteger alguém, geralmente os filhos", explica Maria de Oliveira, responsável pela campanha da APAV sobre violência contra pessoas idosas.

Números

40

Pessoas que recorreram à APAV em 2010 depois de 40 anos de agressões

149

Em 2010, quase 150 pessoas confessaram ter sido vítimas durante mais de 30 anos

O que leva uma pessoa a tolerar situações de maus-tratos durante décadas e a fazer uma denúncia na fase final da vida? A resposta pode estar numa "mudança no sistema familiar". "No caso de uma pessoa que é vítima de violência doméstica, por exemplo, há vítimas que só falam quando os filhos saem de casa ou quando os filhos as incentivam a denunciar."

As estatísticas de 2010 sobre pessoas vítimas de crime mostram ainda que em 69% do total dos casos houve vitimação continuada. Só em 9% dos casos o crime foi pontual.

A duração ajuda a explicar não só o tipo de crime, mas também a relação existente entre o autor e a vítima. Se os casos em que a pessoa foi uma vítima pontual apontam para crimes de roubo ou furto fora do ambiente familiar, a vitimação continuada remete, na maior parte das vezes, para casos de violência doméstica e para um autor do crime muito próximo da vítima.

Porquê quatro décadas de silêncio?

01 As razões As razões práticas estão relacionadas com a pouca eficácia da queixa. "Ainda é percebido pela vítima como algo que não vai acabar com a violência e que acarreta alguns perigos, como a vingança do agressor ou a chacota popular ou das próprias autoridades", explica o psicoterapeuta Vasco Catarino Soares.

02 A dependência Mas para Vasco Catarino Soares, a relação de dependência da vítima em relação ao agressor é a principal razão do silêncio. "Estamos a falar de pessoas com baixa auto-estima. A violência de que são vítimas vem reforçar a sua menos valia, a sua incapacidade para vencer seja o que for. Ser agredido tem este valor psicológico para a vítima: 'Sou fraca. Não consigo combater isto. O que me resta fazer? Resta-me esperar que isto passe e que as coisas melhorem.'"

03 As desculpas A vítima entra frequentemente num processo em que inventa todo o tipo de desculpa para o agressor: "Isto foi passageiro", "ele está assim porque o trabalho corre mal", "teve uma infância infeliz". "Não se consegue imaginar a refazer a vida longe daquela pessoa. Por isso vive na ilusão de que o outro vai mudar e tornar-se uma pessoa melhor", adianta o psicoterapeuta.

04 Ajuda Depois de 40 anos a ser vítima de violência continuada, é possível ter uma vida feliz? Não é fácil, sobretudo porque "no seu mundo psicológico não faz sentido a solução 'mudar', apenas a solução 'esperar melhores dias'", explica Vasco Catarino Soares. "A solução mais adequada passa por um processo psicoterapêutico, que irá incidir sobre o luto da pessoa (agressor), e o reforço da estima pessoal da vítima, devolvendo-lhe a posse da gestão da sua vida, da sua autonomia."

Pinto Monteiro: «violência sobre idosos é silenciosa e silenciada»

Promovido pelo Instituto de Segurança Social, IP realizou-se nos dias 20 e 21 um amplo encontro de âmbito nacional sobre violência e idosos no auditório da Escola Superior de Comunicação Social em Benfica.

O encontro arrancou com Francisco George a assinalar o choque entre o ideal do envelhecimento activo (saúde, segurança, participação) e o problema do aumento da esperança de vida pois nem sempre mais vida é mais qualidade.

O Procurador-Geral da República não estava previsto usar da palavra mas acabou por se referir ao facto de tanto a violência escolar como a violência doméstica terem mais visibilidade enquanto a «dos idosos é silenciosa e silenciada porque o idoso prefere não denunciar». Depois de sublinhar que há 550 mil inquéritos em Portugal, todos merecem atenção mas só se fala de três ou quatro, apelou à Juntas de Freguesia que conhecem os problemas no terreno e concluiu: «Um país que trata mal os idosos não tem dignidade».

Helena André, ministra do Trabalho e da Solidariedade, sublinhou que não se estimam alterações nas taxas de natalidade com a inevitável progressão do envelhecimento, o que exige estratégias inovadoras por parte do Governo. Depois de reconhecer que há situações ocultas numa realidade complexa (violência física, psicológica, financeira) prometeu que o Executivo tudo fará para alterar a situação apostando na prevenção e tornando mais acessíveis os recursos sociais e de saúde.

Carlos Andrade (União das Misericórdias) começou por referir vários equívocos nesta matéria (velhice como sinónimo de decadência e violência sobre idosos como caso de sociedades atrasadas) para concluir que o seu sector luta por uma sociedade onde a população sénior veja os seus direitos respeitados.

Alberto Ramalheira (União das Mutualidades) começou por afirmar: «Uma sociedade que não respeita os seus idosos cava a sua ruína». E prosseguiu: «Conhecemos apenas a ponta do iceberg num mar de resignação; a realidade deve ser melhor conhecida». Apelando a uma melhor atitude na família e na Escola, lembrou que o amparo dos pais na velhice já aparece na Bíblia e concluiu que as Mutualidades têm respostas sociais a nível local com mais de 2,5 milhões de beneficiários.

Francisco Ramos chamou a atenção para o paradoxo da época: viver mais tempo mas sem qualidade numa situação que se agrava nos próximos anos com a diminuição da fecundidade. E concluiu: «daqui a 40 anos o número de idosos será 2,5 vezes superior ao dos jovens; hoje são um quarto da população, daqui a 40 anos serão 50 por cento. Os cuidados continuados são um direito das pessoas, não uma obrigação da sociedade».

Vindo do País Basco, Roberto Pereira revelou que das 4.880 pessoas maltratadas em 2010 mais de 50 por cento sofreram agressões psicológicas e físicas dos seus filhos tendo

havido neste campo um aumento de 16,25 por cento desde 2005.

Isabel Baptista (CESIS) referiu que embora a violência doméstica seja cada vez mais conhecida as mulheres e as idosos estão quase ausentes na investigação.

Ana Gil recordou que desde 2002 a Organização Mundial de Saúde considera a negligência (intencional ou por omissão) sobre os idosos uma matéria de saúde pública. Sublinhando que não há números exactos e que este é um assunto quase invisível apelou para a criação de uma Comissão Nacional de Protecção dos Direitos das Pessoas Idosas.

MAIS IDOSOS E MAIS INSTITUIÇÕES MAS QUE INSTITUIÇÕES?

Margarida Pedrosa Lima de Coimbra referiu sobre as Instituições que é tão importante defender as escolhas pessoais dos utentes como compreender os salários pequenos e a pressão a que estão sujeitos os empregados.

Célia Leite lembrou algumas pequenas coisas que podem suavizar a ida dum idoso para uma instituição: uma mobília, um gato, um periquito. Porque a instituição não é apenas as paredes e as regras; há as pessoas.

Helena Cadete, técnica há 40 anos, referiu: «A sociedade não se apercebeu do facto de haver um grupo com mais de 80 anos a aumentar». Lembrou que a OMS preconiza o envelhecimento activo e referiu, em caso de dependência física grave, gostar de ter perto de si pessoal habilitado, bem formado em termos humanos e profissionais.

Manuel Caldas de Almeida arrancou sorrisos ao referir os novos idosos de «jeans e de brinco na orelha» e para de seguida perguntar: «No futuro mais idosos e mais instituições mas que instituições?» Concluiu: «Eles precisam de respeito e querem ser felizes na sua casa, seja ela a sua casa ou o Lar».

Margarida Cerqueira trouxe de Aveiro estatísticas provando que os mais novos dão pouco valor à preparação da velhice enquanto os mais velhos apresentam imagens globalmente negativas, o mesmo acontecendo entre as freguesias rurais e urbanas. Referiu igualmente que os profissionais de saúde se impacientam com os idosos e a Comunicação Social os desvaloriza.

João Lázaro da APAV recordou os idosos abandonados nos Hospitais pela família durante as férias sublinhando que o assunto é ainda subterrâneo na sociedade. Depois de recordar o ano de 1999, Ano Internacional do Idoso, lembrou a ideia errada de que o idoso não é de novo bebé e concluiu: «o regi-



me jurídico está desenquadrado da realidade».

O intendente Marco Martins da PSP historiou o papel da Polícia desde a Idade Média, lembrou a Constituição de 1976, sublinhou a ideia de que a PSP deve colaborar em vez de interferir concluindo que desde 1995 os programas de Proximidade e Escola Segura envolvem 900 elementos e 148 salas de atendimento a apoio a vítimas - menores, idosos, mulheres, deficientes e vítimas recentes de crime.

Para Paulo Machado «violência é violação de direitos» mesmo sendo uma realidade oculta no Portugal dual (interior versus litoral, rural versus citadino) que tem regiões onde 40 por cento das pessoas são idosos.

Carlos Poiars (Lusófona) advertiu que a nova esperança de vida coloca novas interrogações; há mitos a desconstruir e modelos a mudar. Lembrou Mitterrand e a sua frase «É possível viver de outra maneira». E prosseguiu: «Uma nova gramática de direitos deve saltar do papel para a prática, do escrever para o fazer». Definiu o actual estado de coisas como uma «civilização de plástico» onde há mais avós que netos e o que importa é a pensão (primeiro) e a herança (depois). A própria arquitectura não respeita esta estatística no planeamento da cidade.

NÃO HÁ NADA MAIS ASSUSTADOR QUE A IGNORÂNCIA EM ACÇÃO

Paula Guimarães do Montepio Geral lembrou esta frase de Goethe para referir o facto de haver em Portugal 100 mil pessoas incapazes de gerir o seu património mas sem que o Tribunal decida os seus direitos e sem o código civil mudar. Desde 1999 um grupo de juristas faz sugestões ao Ministério da Justiça e à Segurança Social: o problema não é haver novos órgãos mas sim a falta de vontade de trabalhar com os procedimentos actuais. Teresa Cadavez da Provedoria de Justiça explicou que o seu serviço recebe queixas, envia recomendações e defende direitos mas de modo in-

formal. Com idosos cada vez mais pobres e dependentes, são precisas respostas adequadas às situações actuais pois 52 por cento dos contactos na Provedoria de Justiça são de idosos. As queixas de maus tratos passaram de 171 em 2007 a 215 em 2010.

Valter Hugo Mãe lembrou que o seu livro «A máquina de fazer espanhóis» é sobre o Mundo visto por um homem de 84 anos. Depois de recordar a sua relação com a idade (Há uma velhice em mim desde pequeno) e com a escrita (Escrever é um modo mágico de parar o tempo e o efémero) lembrou a infância (Tinha pena das coisas indefesas) e concluiu: «Devíamos crescer para sermos melhores e não para sermos mais tristes».

Zé Pedro (Xutos e Pontapés) advertiu que a música pode e deve unir as pessoas tendo recordado as horas passadas com o pai a ouvir jazz no gira-discos trazido de Hong Kong no regresso de Timor. Depois de afirmar ser a vida uma constante aprendizagem concluiu: «A música acalma as pessoas porque cria paciência e só com paciência se aprende». Eunice Muñoz, neta de uma actriz e de uma amazona, mãe de seis filhos, actriz consagrada, referiu aspectos da sua personagem (Tia Alice) numa telenovela cujo cenário é uma comunidade piscatória. Depois de referir a sua ligação aos jovens actores (esteve em Cascais com alunos de Carlos Avillez) advertiu: «Devia existir outra estima para com os idosos quando ouvem mal e se deslocam com dificuldade».

No final Ana Gomes sublinhou que as 500 pessoas presentes são veículos da luta contra a violência sobre os idosos pois este encontro é um ponto de partida para ir mais longe. Edmundo Martinho concluiu os trabalhos dando conta das expectativas altas perante recursos escassos - obrigando a Segurança Social a trabalhar cada vez melhor. Finalizou: «Estes dois dias ajudaram a fazer melhor o nosso trabalho; há muitas formas de violência, às vezes no silêncio. Temos muito que aprender».

José do Carmo Francisco



**Radar
Portugal**



Crimes contra idosos. Maioria é agredida por cônjuges, filhos e netos

Segundo números da APAV, 649 idosos foram vítimas de crime em 2010, mais dez do que em 2009

SÍLVIA CANECO
silvia.caneco@ionline.pt

Filho entrou em casa do pai de 72 anos e matou-o com uma foice que estava no quintal. Vila Verde de Raia, Chaves, 12 de Fevereiro de 2011.

Filho de 43 anos espancou e violou a mãe, de 78. As agressões prolongavam-se há anos: o filho atirava R. contra as paredes, empurrava-a pelas escadas abaixo, atirava a sua cama para o meio da rua, como se fosse um móvel velho, acabado e inútil. R. fugia de casa mas calava-se.

Tinha sofrido um AVC mas recusava-se a ir para um lar para não deixar o filho sozinho. Proença-a-Nova, Dezembro de 2010.

Filho e nora sequestraram Jacinta, de 66 anos, e um filho deficiente profundo, durante 14 meses. Jacinta, baixa e raquítica, em cima dos seus 30 quilos, esteve trancada a cadeado na sua própria casa, num quarto sem janelas, a tresandar a urina. Durante três meses comeu apenas tomates, jogados pela porta com indiferença. Vinha rente aos muros, como um réptil, pedir um pedaço de pão às

vizinhas, mas nunca ninguém fez nada. Enquanto isso, filho e nora extorquiam-lhe o dinheiro da pensão. Fajarda, Coruche, Setembro de 2009.

Histórias como estas chegam todos os dias à Associação de Apoio à Vítima (APAV). De acordo com os números da associação, 649 idosos foram vítimas de crimes em 2010, mais dez do que em 2009 (639). Das 7711 vítimas de crime assinaladas pela APAV no ano passado, 8,4% têm mais de 65 anos.

A APAV ainda não reuniu os dados detalhados sobre idosos

vítimas de crime em 2010. Mas Maria de Oliveira, responsável pela campanha de sensibilização sobre a violência contra os idosos promovida pela APAV, adianta que o cenário é idêntico ao dos anos anteriores: "A maioria é agredida pelos familiares mais próximos."

Em 2009, 72% dos crimes contra idosos foram cometidos pelos filhos, netos, cônjuges ou companheiros das vítimas. São os filhos quem representam a maior fatia do bolo: dos 639 crimes contra idosos 238 foram cometidos por um filho ou filha (37%), seguidos de 207 casos em que foi o cônjuge ou o companheiro o autor do crime.

A maior parte dos crimes é praticada no âmbito da violência doméstica, embora haja exceções. "São sobretudo situações de violência psicológica e financeira. Casos de abandono, negligência, ameaça e coação, gestão indevida do património, extorsão ou sequestro", adianta Maria de Oliveira. A responsável explica ainda que nas estatísticas do crime de sequestro não entram só as histórias de cativo, mas também, por exemplo, "o internamento num lar contra a vontade do idoso".

Entre 2000 e 2009, o número

de casos de idosos vítimas de crime aumentou 120%. Mas quem lida diariamente com estas histórias não duvida que, apesar de as denúncias serem mais frequentes, os números ainda pecam por defeito. A vergonha, o isolamento e a dependência transformam os idosos nas mais silenciosas de todas as vítimas. "O mais frequente é a pessoa não contar porque sente vergonha. Mas também há casos de dependência emocional: tem medo de denunciar e ficar sozinha. Ou até casos em que não entendem os insultos e ameaças como violência e desculpabilizam", esclarece Maria de Oliveira.

Para a responsável da APAV, a crise pode levar a uma maior incidência de certo tipo de violência como "a chantagem emocional ou a extorsão", ao mesmo tempo que o maior número de horas de trabalho promove situações de abandono ou negligência. "Antes as pessoas tinham muito mais tempo para tratar das pessoas idosas."

O procurador-geral da República, Pinto Monteiro, assumiu em Janeiro que "a violência contra os idosos é a mais silenciosa que há em Portugal". "É grave, escondida, porque os idosos não se queixam", declarou o PGR



Nem todos têm estas oportunidades. O abandono é uma das razões que mais faz dos idosos vítimas

ROBERT W. KELLEY/TIME 6 LIFE PICTURE/GETTY

à Lusa, à margem de um encontro sobre o tema. O Ministério Público abriu num ano e meio 125 inquéritos sobre violência contra idosos só em Lisboa: 45 foram abertos no primeiro semestre de 2010.

MORTES SOLITÁRIAS A história de Augusta Martinho, morta há mais de oito anos no chão da cozinha da sua casa, na companhia de um cão e de dois periquitos, despertou as atenções para o problema da solidão e do abandono dos mais velhos. Juntaram-se à história mais dois casos numa só semana. Augusta Martinho não foi a única a morrer sozinha. No sábado foi encontrado o corpo de um homem de 71 anos morto há três meses na sua casa de Cantanhede; no mesmo dia, os Bombeiros de Matosinhos encontraram morto um homem de 80 anos, em São Mamede Infesta, depois de os vizinhos estranharem ver a luz da sala sempre acesa mas nem sinal do octogenário.

Destaque

“Então, olhe... o é que estou velho”



meu problema

Há uma outra violência, mais subterrânea, mansa, mas não menos mortífera para a dignidade da pessoa. É a designada violência financeira sobre os idosos, qualquer prática que visa a apropriação ilícita do seu património. Uma realidade algo camuflada perante olhares públicos porque, na maioria das vezes, choca com a esfera privada. Os abusadores são, em geral, os cônjuges ou filhos. Ainda que silenciosa e silenciada, aqui e acolá caem as máscaras. Até porque este abuso financeiro parece estar a aumentar. Crise, desemprego e o envelhecimento da população não serão factores alheios.

LÚCIA CRESPO lcrespo@negocios.pt
GONÇALO VIANA Ilustração

Então, olhe... o meu problema é que estou velho. Ser velho é isto que vê, não tenho forças para conseguir resolver o problema que aqui me trouxe. Mário, nome fictício, 85 anos, explica. “A família que me resta é o meu sobrinho. Sempre foi meu amigo. Deixo-lhe tudo em testamento.... O problema é que ele soube. Aliás, eu disse-lhe. É uma coisa boa para ele. Não é que na semana a seguir, ele pediu-me as coisas todas? Quando digo as coisas todas, foi mesmo tudo: as contas bancárias, registos de propriedade; e até o oiro, o pouco que me recordava a minha mulher. Diz que sou um velho, que não sei tratar das minhas coisas, nem o reconheço... Então, olhe... o meu problema é que estou velho”.

Há uma outra violência, mais subterrânea, “mansa, mas não menos mortífera” para a dignidade da pessoa idosa, caracteriza o sociólogo Manuel Villaverde Cabral. É a designada violência financeira sobre idosos (“elder financial abuse”), qualquer prática que visa a

apropriação ilícita do seu património. Uma realidade algo camuflada e escondida dos olhares públicos porque, na maioria das vezes, choca com a esfera privada. A esfera da própria família. Os abusadores são, em geral, os cônjuges ou filhos. Como entrar, então, na intimidade das famílias sem violar a sua privacidade? Por outro lado, as vítimas, pessoas muitas vezes dependentes, fragilizadas e sem conhecimento dos seus direitos, calam-se, envergonhadas. “Vulneráveis, sentem-se inferiores e aceitam esta violência”, traça Maria de

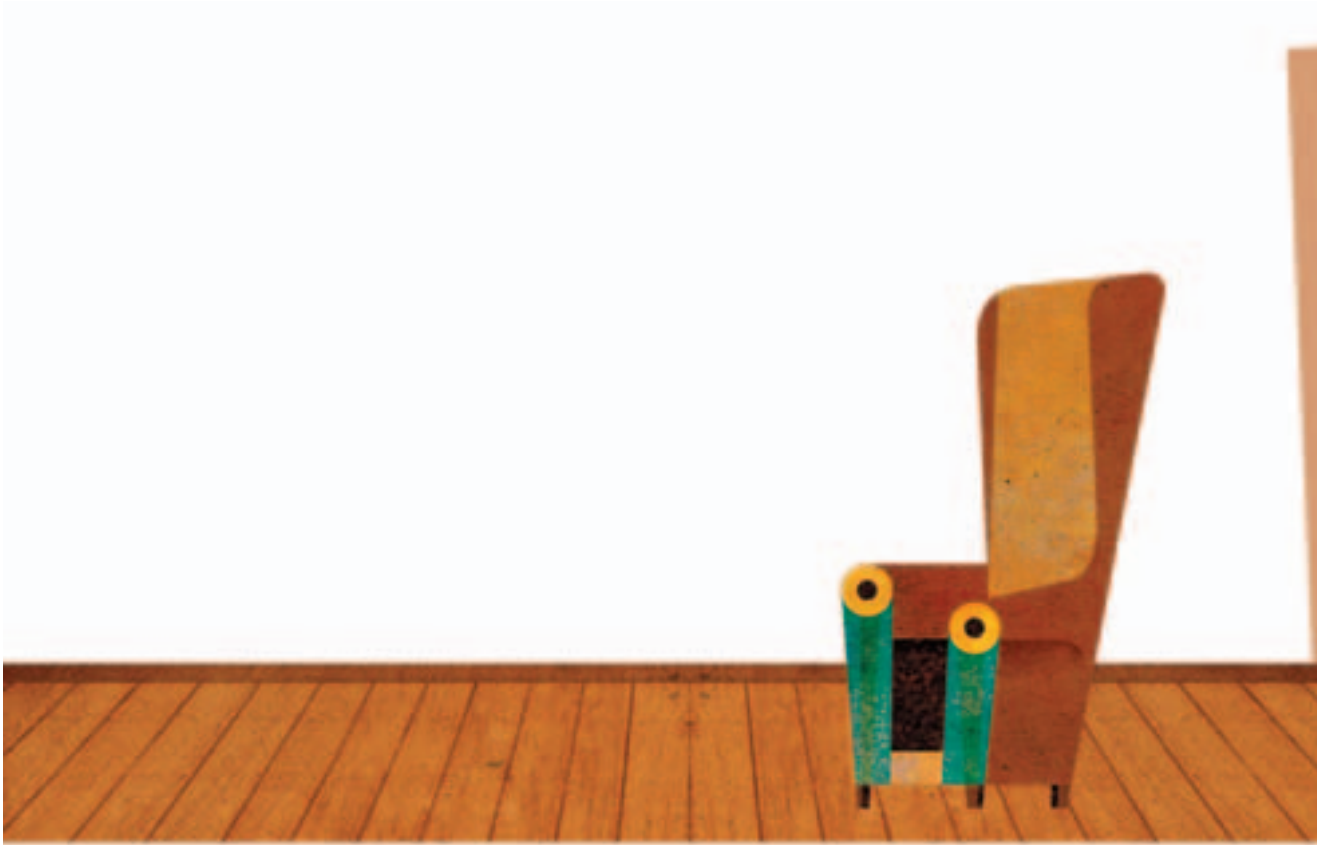
continua



Destaque

“A verdade é que a pessoa idosa, através das suas pensões, prestações sociais... acaba por ser a única fonte de rendimento de muitos cuidadores”.





continuação

Oliveira, responsável pelo projecto TITONO – Pessoas Idosas Vítimas de Crime, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). A realidade assim permanece, mais ou menos secreta. Escamoteada. Se a violência doméstica, sobretudo contra mulheres e crianças, tem sido, a pouco e pouco, desmascarada, a violência contra os idosos ainda é muito silenciosa.

Mário, Deolinda e Antonieta quebraram o silêncio e contactaram a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). Deram os seus testemunhos, transcritos nos textos ao lado. Nenhum deles acedeu, contudo, a mostrar o rosto ou divulgar o nome verdadeiro nas páginas deste jornal. Há silêncios a preservar. Mas os casos de apropriação ilícita de património acumulam-se. Histórias de pessoas forçadas, mediante chantagem psicológica, a assinar documentos, a celebrar contratos, a alterar testamentos, a fazer procurações... Quase sempre em benefício de quem presta os cuidados ao idoso.

Estes são alguns exemplos da violência financeira, práticas que ficam ali, no limbo entre o legal e o ilegal. Potenciais crimes com uma única testemunha, o próprio, que na maioria das vezes não tem conhecimento dos seus direitos. O tema começa agora a ser alvo de campanhas e objecto de estudos nacionais e internacionais. Ainda que silenciosa e silenciada, aqui e acolá caem as máscaras. Até porque a violência financeira contra os idosos parece estar a aumentar. A crise, o desemprego e o envelhecimento da população não serão factores alheios. “A verdade é que a pessoa idosa, através das prestações sociais ou outras fontes de rendimento, acaba por ser a única fonte de rendimento dos cuidadores”, salienta João Lázaro, vice-presidente da APAV.

Portugueses lideram queixas de abusos financeiros

De acordo com o estudo “Abuse of Elderly in Europe”, Portugal é o país onde as pessoas entre os 60 e os 84 anos mais auto-reportam situações de violência financeira. “Das pessoas entrevistadas, cerca de 8% referiram ter sido vítimas de, pelo menos, uma situação de abuso financeiro no último ano, o que corresponde à frequência mais elevada observada entre os países envolvidos no estudo”, comenta o responsável nacional do projecto, Henrique Barros, coordenador da equipa do Serviço de Epidemiologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. A análise, concluída em Junho de 2010, envolveu sete países da Europa (Alemanha, Espanha, Grécia, Itália, Lituânia, Portugal e Suécia) e uma amostra de 4451 participantes, 656 dos quais portugueses, entre os 60 e os 84 anos.

“A situação de dependência e o isolamento social colocam as pessoas idosas numa situação fragilizada e, por outro lado, há outros factores mais estruturais como as condições económicas e o desemprego que potenciam este tipo de abuso. Por exemplo, os nossos resultados mostram que Portugal, Espanha e Grécia são os três países com a frequência mais elevada deste tipo de violência e são, simultaneamente, os países que apresentam menores níveis de escolaridade”, frisa.

“O grande drama de Portugal, além de ser um dos países

com a população mais envelhecida do mundo, é o país cuja composição socioeconómica e sociocultural é a mais deficitária. À falta de dinheiro junta-se a falta de informação. A falta de conhecimento é, precisamente, a principal causa nas desigualdades da saúde, por exemplo. Falamos de populações com baixíssimos níveis de instrução, de analfabetos funcionais. Daí ser uma população mais vulnerável aos abusos financeiros, como a apropriação de pensões ou antecipação de heranças, o que vem, muitas vezes, de mão dada com chantagens afectivas”, traça Manuel Villaverde Cabral, investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e coordenador do Instituto do Envelhecimento.

Denúncias estão a aumentar

“Violência financeira contra as pessoas idosas: conheça os seus direitos e não seja a próxima vítima” é o mote de uma campanha de sensibilização promovida pela APAV. Na associação crescem números e nomes, que serão, ainda assim, uma pequena amostra desta dita violência mansa. De acordo com a entidade, no ano passado, 649 pessoas com mais de 65 anos recorreram aos seus serviços, o que representa um aumento de 123,7% face ao ano 2000. As principais denúncias estão relacionadas com os maus tratos físicos e psicológicos. Entre os designados crimes contra o património, destacam-se o furto, roubo, dano e abuso de confiança. Grande parte dos abusadores são os próprios cônjuges/companheiros e os filhos das vítimas. Fora das relações familiares, os vizinhos apresentam-se como os principais autores de crime. “Estes dados revelam a ponta do ‘iceberg’. Temos a convicção de que a violência escondida é muito maior”, sublinha João Lázaro.

Também a Linha do Cidadão Idoso, criada pela Provedoria de Justiça, recebeu 2706 chamadas em 2010, mais 724 face a 2009. Do total de telefonemas, 215 estão relacionados com maus tratos. “O tema da violência financeira, atendendo à sua representatividade e expressão, já foi autonomizado na tabela de 2011”, aponta fonte oficial Provedor de Justiça.

No último ano e meio, o Ministério Público abriu 125 inquéritos sobre violência contra idosos no distrito judicial de Lisboa, segundo dados divulgados pela Procuradoria-Geral da República. “A violência contra os idosos é a mais silenciosa que há em Portugal. É grave, escondida, porque os idosos não se queixam”, declarava em Janeiro o procurador-geral da República, Pinto Monteiro.

Desprotegidos pela lei

Segundo a advogada Rita Garcia Pereira, as pessoas idosas estão, de alguma forma, desprotegidas pela lei, pois a prova de violência incumbe à parte ofendida. “Conheço um caso de uma senhora que mora sozinha com o filho, toxicodependente. Ela não sai de casa, ele bate-lhe e fica-lhe com a pensão. Mas, sem testemunhas, o caso foi arquivado”, conta. “É uma prova difícil de fazer. Ela diz que sim, ele diz que não. Mesmo que vá ao hospital, até pode conseguir demonstrar danos físicos, mas não consegue provar que foi ele”.

Mário

85 anos

Sempre trabalhei e consegui ter as minhas coisas e dar as coisas aos meus filhos. Mas, infelizmente, quase toda a minha família já faleceu, uns por doença, outros por acidente. Mas sempre ajudei, às vezes nem podia, mas ajudava. Agora não posso tanto. A família que me resta é o meu sobrinho. Sempre foi meu amigo. Deixo-lhe tudo em testamento.

O problema é que ele soube do testamento. Aliás, eu disse-lhe. É uma coisa boa para ele. Não é que na semana a seguir a ter assinado o testamento, ele pediu-me as coisas todas? Quando digo as coisas todas, foi mesmo tudo: as contas bancárias, registos de propriedade; e até o oiro, o pouco que me recordava a minha mulher. Ele levou e ficou com tudo. Disse-me que era para meu bem. Mas eu agora não tenho nada, nem dinheiro para ir beber café. E noutro dia disse-me que me tirou tudo porque vai colocar-me num lar e precisa do dinheiro para pagar as despesas do lar. Eu não quero ir, sempre consegui gerir as minhas coisas, nunca precisei de ninguém. Como é que ele agora me faz isto? Nunca pensei que se tornasse na pessoa que está agora. Diz que sou um velho, que não sei tratar das minhas coisas, nem o reconheço. E tenho muito medo que ele me coloque num lar, nem consigo dormir. Retirou-me tudo, não sei o que fazer. Então, olhe... o meu problema é que estou velho. Ser velho é isto que vê, não tenho forças para conseguir resolver o problema que aqui me trouxe.

Deolinda

75 anos

Encontro-me numa situação difícil. Na minha idade e com os problemas de saúde que tenho é natural que esteja nesta situação. Nunca me dei bem com a minha filha, sobretudo porque nunca concordei com o casamento dela. Não sei se interferei demais, não sei se fiz algum mal. Passaram os anos, os problemas sucederam-se. Criei-a sozinha, com um ordenado baixo e muitas agruras. Eram outros tempos, tive de manter o respeito, porque não queria que ela fosse uma leviana. O casamento dela não deu resultado. Nunca poderia dar, eu vi logo. Culpa-me a todo o instante de ser uma frustrada. Eu continuo a achar que se ela tivesse trabalhado mais, como eu fiz, hoje não era uma mulher frustrada só porque o marido a trocou por outra.

Estou numa situação de quase miséria, porque todo o dinheiro que tenho é para ajudar a pagar o empréstimo do apartamento da minha filha, que, para além disso, me vendeu o ouro e um relógio que tinha sido do meu pai. Algumas pratas também já foram à vida. Vão-se os anéis e ficam os dedos, diz o povo. Mas, no meu caso, não sei se, um dia destes, os próprios dedos me ficam. Já não é a primeira vez que me bate... E também me fecha no quarto quando não lhe convém que eu esteja à vista quando leva os namorados lá a casa.

O problema é que eu amo a minha filha, como uma mãe ama um filho. Mas não consigo perceber onde errei na educação dela para merecer isto... Pedi apoio recentemente e ainda não decidi o que quero fazer. Mas já sei que posso fazer alguma coisa, que ainda sou senhora da minha vontade e das minhas coisas. A minha filha não pode fazer-me isto só porque estou velha.

continua

Destaque

continuação

Também as típicas burlas são difíceis de provar. Acumulam-se histórias de colchões e serviços de louça comprados em excursões. Antonieta, 60 anos, testemunha: “Um colchão, está a imaginar? Nós não precisávamos de o fazer, tínhamos acabado de comprar um para a casa que temos no Alentejo. Foi mesmo estranho. Toda gente parecia que estava eufórica com aquilo, não sei explicar”, expressa numa denúncia à APAV. As histórias sucedem-se. A Guarda Nacional Republicana (GNR), no âmbito do Programa Apoio 65 – Idoso em Segurança, estima que, no último ano, os prejuízos causados pelas burlas a idosos ascendam a um milhão de euros.

Mas as fraudes a idosos não se reduzem a histórias de colchões. Rita Garcia Pereira tem outras em mãos. Casos de enganar produzidos por astúcia e que visam obter uma quantia ou bem ilegítimamente. E, quanto mais vulnerável é a vítima, maior atracção exerce sobre eventuais abusadores. A história que se segue, contada por Rita Garcia Pereira, é, em si mesmo, um novelo de burlas. “Um senhor viúvo casou com uma senhora, que o convenceu a vender a casa e a comprar um terreno em nome dela. Divorciaram-se, ele ficou sem nada. Esteve, depois, em lares. Num deles, uma das funcionárias fazia levantamentos, aos 200 e 300 euros de cada vez, com o cartão dele. Ele não sabia. Como era uma conta conjunta com um filho, a família apercebeu-se, o pai saiu do lar. En-

tretanto foi ‘alojado’, por vontade própria, por uma ‘família exterior’. Ele diz que está num hotel, os filhos chamam-lhe ‘barracão’. Aparece com contas de farmácia brutais, facturas cheias de calmantes, pagas pelos filhos. Quando telefonam ao pai, é-lhes dito que ele está a dormir. Sempre a dormir. Os filhos, convencidos de que o pai está a ser burlado, colocaram a família que o ‘alojou’ em tribunal. Não é fácil dar o pai como inimputável, além disso, o pai diz-se feliz. Hoje, sem conseguir provar nada, os filhos só querem mesmo ‘recuperar’ o pai”, conta a advogada.

Portugal é o país onde as pessoas entre os 60 e os 84 anos mais auto-reportam situações de violência financeira, segundo o estudo “Abuse of Elderly in Europe”.

“A sociedade portuguesa não está preparada para lidar com estas e outras situações. Nenhuma sociedade o está. O Estado tem uma intervenção desarticulada, uma política desintegrada que não reconhece a gravidade do problema, procura desobrigar-se através de pensões e complementos”, atira Manuel Villaverde Cabral. “São também necessárias medidas que promovam o envelhecimento activo e o ‘empowerment’ das pessoas idosas para que estas não fiquem

numa situação de fragilidade social”, expressa Henrique Barros. “Não basta as festinhas que fazemos nas costas uns dos outros, essa solidariedade para fora, a de sermos todos bonzinhos...”, remata o sociólogo. **W**

Antonieta

60 anos

Nunca pensei que isto me fosse acontecer. Sempre ouvi nas notícias histórias deste género, mas nunca pensei que fosse possível passar pelo que passei e ter que recorrer a vocês [APAV]. Eu e o meu marido sempre fizemos viagens, tínhamos e temos possibilidade de o fazer. E recebemos na caixa do correio uma publicidade de uma viagem...e como queríamos ir para aquele sítio e o preço era irresistível, contactámos a agência e achámos que era uma oportunidade.

Fizemos a viagem, que correu bem. Conhecemos umas pessoas, vínhamos todos à conversa... ficámos amigos. Mas, quando chegámos ao hotel, a pessoa da agência que estava connosco disse-nos que, depois de irmos pôr as coisas ao quarto, nos encontraríamos na recepção e teríamos surpresas.

Quando chegamos à recepção, levaram-nos para uma sala grande, com vários expositores e produtos. Falou uma pessoa a explicar que era uma oportunidade adquirir aqueles produtos que estavam a vender, uma vez que eram produtos caros e que valia a pena comprar por aquele preço. Fizemos uns exercícios, umas coisas que não percebi muito bem. As pessoas, da viagem, iam para o palco ver os produtos ou testá-los, etc. Quando demos por nós, estávamos a comprar um colchão. Um colchão, está a imaginar? Nós não precisávamos de o fazer, tínhamos acabado de comprar um para a casa que temos no Alentejo. Foi mesmo estranho. Toda gente parecia que estava eufórica com aquilo, não sei explicar. Isso passou, fizemos o que estava planeado, ver monumentos, ir aqui e ali. E regressámos a casa.

Ao chegar a casa é que eu e o meu marido fomos ver os papéis e as coisas que nos tinham dado. Fiquei incrédula naquilo que nós tínhamos caído. Como é que foi possível? Sabe, nem consigo dormir com isto: nós fomos burlados! Tenho um sentimento de impotência, eu tenho um curso superior, o meu marido também. Sempre ouvimos estas histórias. E até em conversas dizíamos ‘Como é que as pessoas caem nestas coisas?’. E agora fomos nós. É horrível, sinto-me culpada com tudo isto. Não é que nós não possamos pagar, mas sinto que fui enganada, que me manipularam. Parece que fomos engolidos por uma onda.

